

S U M M A R I O

AGOSTO — 1937

NOTAS E COMMENTARIOS :

Pagina

Excessos da safra de 1935-36 — Financiamento de açucares gran-tina e refinado — Açúcar pernambucano para a Capital Federal — Majoração de 20 % sobre a produção de São Paulo — Financiamento da safra alagoana de 1937-38 — Tratado de Londres — Usinas Santa Cruz e Santa Olinda — Bibliotheca do I. A. A. — Adrião Caminha Filho — Publicidade — Engenho Tamboril — Publicações do I. A. A. — Usina Braeuhi — "Consolidação das leis açucareiras" — Montagem de usina — Usina Joaquim Antonio — Novos membros para a Comissão Executiva do I. A. A.	375-378
A ADUBAÇÃO QUÍMICA DA CANNA DE AÇÚCAR — por Adrião Caminha Filho	380
NOMENCLATURA INTERNACIONAL DAS VARIEDADES DE CANNA DE AÇÚCAR	386
PROBLEMAS DO BRASIL — por André Carrazzoni	388
O ALCOOL MOTOR NOS ESTADOS UNIDOS	389
"NÃO SE PODE ORIENTAR COM EXCLUSIVISMOS A POLÍTICA AÇUCAREIRA DO PAIZ"	390
O CREDITO AGRICOLA — por A. Lubambo	392
O AÇÚCAR NO MARANHÃO — por Fernando Moreira	396
A COMPRA DA REFINARIA DA COMPANHIA USINAS NACIONAES	398
AÇÚCAR DE PALMA	399
A CALEIFAÇÃO DO SOLO — por A. J. Watts	400
A ARGENTINA PRETENDE INSTITUIR UM RÉGIMEN AÇUCAREIRO. — A INDÚSTRIA DO ALCOOL NA IRLANDA	401
COMISSÃO DE VENDAS DOS USINEIROS DE ALAGOAS — A BRITISH SUGAR CORPORATION DISTRIBUE DIVIDENDOS	402
O MOSAICO DA CANNA DE AÇÚCAR — pelo professor Carlos E. Chardon	406
ASSEGURADOS OS INTERESSES PERNAMBUCANOS NA PROXIMA SAFRA AÇUCAREIRA	407
NOTAS PARA O ESTUDO DO BANGUÊ EM ALAGOAS — por Humberto Bastos	410
A USINA PAINEIRAS PASSOU A NOVOS DONOS	411
A INDÚSTRIA AÇUCAREIRA PERUANA	412
MAIS UMA VICTORIA DO ALCOOL CARBURANTE — A esquadilha aerea italiana que visitará a America do Sul será abastecida com alcool de fabricação brasileira fornecido gratuitamente pelo I. A. A.	414
A CLARIFICAÇÃO DO CALDO DA CANNA DOJ. 2878 — por Earl L. Symes	416
RESENHA DO MERCADO DO AÇÚCAR	417
MOVIMENTO COMMERCIAL DO AÇÚCAR — Exportação, importação, estoques, entradas e saídas e cotações mínimas e máximas de açúcar (tabellas)	419-422
CHRONICA AÇUCAREIRA INTERNACIONAL	424
COMMENTARIOS DA IMPRENSA — "Os perigos do açúcar", de Rubens Amaral ("Folha da Manhã", de São Paulo)	426
LEGISLAÇÃO E DOCTRINA SOBRE O AÇÚCAR E SEUS SUB-PRODUCTOS — Decreto legislativo nº 159-A, de 1937, isentando do imposto de consumo o alcool empregado como materia-prima industrial, com o veto e respectivas razões do mesmo apposto pelo Presidente da Republica	429

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA GENERAL CAMARA N. 19 - 7.º ANDAR - SALA 12
 TELEFONE 23-6252 CAIXA POSTAL. 420
 OFFICINAS - RUA 13 DE MAIO, 33 E 35

REDACTOR RESPONSÁVEL - BELFORT DE OLIVEIRA

REDACTORES - THEODORO CABRAL, RICARDO PINTO E FERNANDO MOREIRA

Noticias Petree & Dorr

ADOPTA A CLARIFICAÇÃO COMPOSTA A MAIOR USINA DO MUNDO
Central Jaronu, em Cuba, installou para a safra nova 8 DORRS para moer 10.000 toneladas de canna diarias

MAIS DE TRINTA DORRS VENDIDOS DESDE JANEIRO 1937

Argentina	2	Hawaii	4	Luiziana	6
Brasil	1	India	5	Porto Rico	7
Cuba	8				

Um total de 33 DORRS no primeiro semestre de 1937.

A CLARIFICAÇÃO COMPOSTA DORR DEMONSTRA UM AUGMENTO NO RENDIMENTO DE MAIS DE MIL TONELADAS DE AÇUCAR NAS USINAS HESPANHA E FAJARDO

Relatorio comparativo das safras de 1936 e 1937: Safra de 1936 com defecação antiga, sem DORRS, e safra de 1937 COM CLARIFICAÇÃO COMPOSTA DORR

	USINA HESPANHA		USINA FAJARDO	
	COM DORRS 1937	SEM DORRS Safra 1936	COM DORRS 1937	SEM DORRS Safra 1936
Conta da saccarose ou polarização % canna				
Recuperado no açúcar	13.06	11.64	11.78	11.97
Perda no mel final	1.03	1.22	0.87	1.04
Perda na torta	0.02	0.24	0.09	0.24
Perda indeterminada	0.14	0.30	0.09	0.07
Total em caldo extraido	14.25	13.40	12.83	13.32
Perda no bagaço	0.81	0.62	0.56	0.52
Total polarização na canna	15.06	14.02	13.39	13.84
Recuperação de açúcar pol % pol na canna	86.72	83.02	87.96	86.47
Toneladas de açúcar a mais com clarificação composta DORR, em 1937	1.754		1.043	

A usina que não tem clarificação composta perde mais que o seu custo em cada duas safras. O aumento do rendimento de açúcar na usina e o rendimento agricola com a canna POJ 2878 dá mais de 50 % annuaes do capital empregado nos DORRS para a clarificação composta.

Moagem annual	20.000	40.000	60.000	80.000	100.000
Toneladas de canna	20.000	40.000	60.000	80.000	100.000
Augmento rendimento					
Saccos de açúcar	1.000	2.000	3.000	4.000	5.000

AUGMENTO NO RENDIMENTO PELA CLARIFICAÇÃO COMPOSTA DORR:

DESEJAMOS TER OPPORTUNIDADE DE FORNECER MAIS DETALHES SOBRE A MANEIRA DE AUGMENTAR A EFFICIENCIA DAS USINAS COM A CLARIFICAÇÃO COMPOSTA DORR

PEÇAM INFORMAÇÕES E ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO

Earl L. Symes, representante geral no Brasil de Petree & Dorr Engrs. Inc.

Caixa Postal 3623

Rio de Janeiro

Telefone 26-6084

BRASIL AÇUCAREIRO

Órgão Oficial do
INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

Anno V Volume IX

AGOSTO DE 1931

N

NOTAS E COMMENTARIOS

EXCESSOS DA SAFRA DE 1935-36

Apesar de todas as providencias já tomadas para a regularização dos excessos de produção verificados em diversas usinas do paiz na safra de 1935-36, ainda existem taes excessos em algumas dellas, as quaes, não attendendo ás recommendações do Instituto, conservam em estoque o açúcar produzido acima de seus limites naquella safra.

Tendo já decorrido dois annos de tolerancia por parte do Instituto, para serem adoptadas as providencias opportunamente approvadas para a regularização do assumpto, não deve mais ser protelada a sua definitiva solução. Acresce que, no decorrer dos annos de 1936 e 1937, os preços do açúcar foram de tal ordem que, sem prejuizo algum, poderiam as usinas faltosas ter liquidado os seus estoques do excesso de 1935-36 mediante o pagamento da sobretaxa de 15\$000, a exemplo das demais usinas, que attenderam ás deliberações tomadas pelo Instituto.

Nessas condições, examinando o assumpto na sessão de 11 do corrente, a Comissão Executiva do I. A. A. resolveu que se determine o prazo de sessenta dias para que liquidem as usinas em causa os seus estoques provenientes dos excessos da safra de 1935-36, sob pena de ser-lhes applicada a pena que commina o artigo 60, paragrafo 2º do regulamento approved pelo decreto numero 22.981 de 1933.

Da deliberação acima tomada foi dado immediato aviso ás usinas respectivas.

FINANCIAMENTO DE AÇUCARES GRAN-FINA E REFINADO

Em carta dirigida ao Instituto do Açúcar e do Alcool, datada de 18 de junho ultimo, o Sindicato dos Usineiros de Pernambuco solicitou, como base para a completa consecução de suas fina-

lancas a directiva e commissão de financiamento do Estado o financiamento de açucares refinado e gran-fina, beneficiados e produzidos em Pernambuco.

Estudando o assumpto achou a Comissão Executiva que o financiamento desses tipos de açúcar não é vedado pela legislação em vigor, embora a elles não se refira directamente a lei, e, assim, approvou que, guardadas as proporções dos valores dos açucares gran-fina e refinado com os dos cristaes, attenda o Instituto ao financiamento respectivo, nas seguintes condições, tornando-se a resolução extensiva aos productores do Estado de Alagoas:

- 1) — Para effeito da base do calculo dos novos tipos a financiar, seria tomada a média de maior valor sobre o cristal, respectivamente de 7\$000 e 10\$000 para os gran-finas e refinados.
- 2) — A mesma percentagem tomada para o financiamento do cristal entre o valor do financiamento e o preço maximo legal, sera estabelecida sobre os valores designados no item 1 para os refinados e gran-finas.
- 3) — Sobre as operações de financiamento para os açucares gran-finas e refinados cobrará o Instituto juros de 6 % ao anno.
- 4) — O prazo de retenção desses açucares será reduzido ao minimo possivel, numa proporção minima de retirada mensal do financiamento pelo menos do duodecimo da produção annual estimada.
- 5) — As retiradas desses açucares, do financiamento, obedecerão estrictamente á ordem chronologica das entradas para os armazens depositarios.

AÇUCAR PERNAMBUCANO PARA A CAPITAL FEDERAL

Não estando presente, por motivo de doença, a reunião da Comissão Executiva que tratou da operação de compra de um lote de açúcar cristal, realizada em Pernambuco, pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, para abastecimento do mercado da Capital Federal, contra a qual o representante do Estado do Rio junto áquelle órgão proferiu um voto contrario, o sr. Leonardo Truda, na sessão de 11 de agosto corrente, da presidencia, voltou a abordar o assumpto. Fel-o para repôr a questão em seus devidos termos, expendendo, então, uma série de argumentos, numa longa e brilhante exposição dos motivos que levam o Instituto a effectuar dita operação.

Logo em seguida á oração do presidente, em favor da qual se manifestaram todos os presentes, com a palavra, o representante fluminense declarou que ao proferir o voto revidado "não teve o intuito nem a intenção de, sob qualquer forma ou pretexto, lançar a mais leve offensa contra a pessoa do presidente do Instituto, cuja personalidade — affirma-o com convicção — goza do maior prestigio no seio das classes productoras de Campos, que reconhecem os grandes beneficios prestados por s. excia. á industria açucareira nacional, através do organismo que dirige — o I. A. A." Seu voto e considerações contrarios á operação em apreço — accrescentou — não saem do terreno do seu desacordo no campo dos interesses commerciaes dos productores de Campos, que julga terem sido prejudicados com a compra do referido lote de açúcar no Estado de Pernambuco.

O sr. Leonardo Truda declarou, então, aceitar as explicações do delegado do Estado do Rio, considerando encerrado o incidente, não porém sem deixar de requerer o registra, em acta, das palavras que proferiu antes explicando a questão, o que foi deferido.

MAJORAÇÃO DE 20 % SOBRE A PRODUÇÃO DE SÃO PAULO

A Associação dos Usineiros do Estado de São Paulo discutiu, em uma de suas ultimas sessões, a fórmula a ser adoptada para a distribuição, entre as usinas, da majoração de 20 % concedida sobre a produção do Estado na presente safra. Venceu o principio de que a distribuição seja feita por todas ás usinas, em percentagem igual.

A Usina Itaquê trouxe o caso ao conhecimento do Instituto do Açúcar e do Alcool, em character de consulta. O seu parecer é que a distribuição seja proporcional ás estimativas das sa-

fras de cada usina, julgando que esse criterio favorece as pequenas usinas.

Em sessão de 18 do corrente a Comissão Executiva estudou detidamente o assumpto, resolvendo que o criterio legal, previsto pelo decreto 22.981, de 25 de julho de 1933 (artigo 59), é o da distribuição da majoração em percentagem igual a todas as usinas da região.

FINANCIAMENTO DA SAFRA ALAGOANA DE 1937-1938

Compareceu á sessão da Comissão Executiva de 11 do corrente, o dr. Alfredo de Maya, presidente da Comissão de Vendas dos Usineiros de Alagoas, que solicitou fosse concedido o prompto financiamento das usinas de seu Estado, allegando que, por motivos excepcionaes da zona, já conhecidos, as usinas Coruripe e João de Deus deviam iniciar desde já a sua moagem.

Submettido o pedido á Comissão Executiva, ficou resolvida a sua approvação, nas bases do financiamento inicial da safra de 1936-37.

Aproveitou o sr. presidente a ocasião para declarar que não lhe sendo possível, no momento, ir ao Norte, para tratar definitivamente das medidas e providencias a serem tomadas para a defesa da safra de 1937-38, a iniciar-se naquella zona, ia expedir convites ás classes productoras de Pernambuco e Alagoas para que mandem a esta Capital representantes seus, com poderes amplos, afim de que, com elles, sejam assentadas aqui as medidas de defesa da safra. Só depois desse entendimento se tornarão effectivas as medidas para o financiamento da safra de 1937-38.

TRATADO DE LONDRES

Canforme o disposto em seu artigo 48, deve ter entrado em vigor em 1º do corrente o Tratado para a regulamentação da produção e distribuição do açúcar, assignado em Londres em 6 de maio deste anno. Não ha ainda noticia de que o tenham ratificado todas as 22 nações contractantes, mas, segundo o protocolo annexo ao mesmo tratado foi concedida uma prorrogação desse prazo, até 1º de janeiro de 1938, para os paizes cuja sessão legislativa já estivesse encerrada antes de discutido o tratado.

Entre outros paizes, já ratificaram o tratado a Allemanha, a Africa da Sul, Cuba, India e Perú. Outros, como a Hungria, deram a conhecer que o fariam assim que fossem cumpridas certas formalidades constitucionaes necessarias.

USINAS SANTA CRUZ E SANTA OLINDA

A' vista de elementos novos e mais completos apurados pela Gerencia do Instituto do Açúcar e do Alcool, a Comissão Executiva do I. A. A., por acto de 25 do corrente, resolveu a fixação de 1.372 e 1.270 saccos de açúcar por safra, como limite, respectivamente, para as Usinas Santa Cruz e Santa Olinda situadas ambas no Estado do Pará. Os anteriores limites eram de 991, para a primeira, e 958 saccos, para a segunda, que ficaram por essa forma revogados.

BIBLIOTHECA DO I. A. A.

Acha-se em formação a Bibliotheca do Instituto do Açúcar e do Alcool, constituída sobretudo de obras technicas sobre a agricultura da canna e a industria do açúcar e do alcool.

A Bibliotheca, que já conta com as principaes obras classicas sobre tecnologia açucareira, acaba de ser augmeritada com uma collecção de 54 obras especializadas, que pertenceram ao nosso collaborador dr. A. Menezes Sobrinho, de São Paulo.

ADRIÃO CAMINHA FILHO

BRASIL AÇUCAREIRO alimenta a preocupação constante de ser util ás laboriosas classes açucareiras. Nunca se limitou ao acanhado papel de mero órgão official do Instituto do Açúcar e do Alcool. Para isso, bastaria cingir-se ao noticiario dos actos officiaes desta Casa e á legislação e demais providencias do Governo da Republica em relação ao açúcar e a seus sub-productos. Desde o seu primeiro numero, esta Revista, em obediencia a normas ditadas pela alta direcção do Instituto, vem procurando ser, tambem, uma publicação largamente informativa e didactica. Em conformidade com essa orientação é que inserimos noticias e dados estatisticos sobre tudo o que de interesse açucareiro occorre no Brasil e em todo o mundo e recorremos a especialistas nacionaes e estrangeiros que nos ministram collaboração sobre todos os aspectos da tecnologia do açúcar.

Levados pelo proposito de dar cada vez mais amplo cumprimento a esse programma de acção, convidamos, para integrar o nosso corpo redactorial, na qualidade de redactor tecnico, o nosso antigo collaborador sr. Adrião Caminha Filho.

Escusa apresentar o sr. Adrião Caminha Filho aos leitores de BRASIL AÇUCAREIRO, que já o conhecem através de sua constante e apreciada collaboração.

Engenheiro agronomo especializado em tecnologia açucareira, alto funcionario do Ministerio

PUBLICIDADE

A Camara de Commercio Franco-Brasileira, por resolução de 17 de março de 1934, manifestou o desejo de publicar, em 1935, os estatutos relativos ao Instituto do Açúcar e do Alcool. O representante daquelle associação, alligado não contar com recursos proprios e limitado, portanto, a auxilio financeiro, para a publicação de sua obra,

Submettida a respeito a Comissão Executiva, resolveu essa, tendo em consideração as despesas já realizadas no corrente anno, recusar qualquer auxilio financeiro para essa publicação. Autorizou, entretanto, que fosse fornecida toda a materia que possa interessar a projectada obra da Camara de Commercio Franco-Brasileira.

ENGENHO TAMBORIL

O sr. Azarias de Azevedo Mallo, proprietario do Engenho turbinador Tamboril, sito no Estado de Minas Geraes, recorreu do limite de 27 saccos de açúcar, que lhe fôra fixado para a sua producção annual.

A Commissão Executiva do I. A. A., depois de estudar as condições do engenho relativamente á sua producção no quinquennio, resolveu augmentar o limite para 1.250 saccos.

PUBLICAÇÕES DO I. A. A.

Com o proposito de bem servir ás laboriosas classes de que é órgão, o Instituto do Açúcar e do Alcool vem editando uma série de publicações didacticas e informativas.

Foi iniciada a série com a revista que lhe serve de órgão official, que, desde março de 1934, sob a denominação de BRASIL AÇUCAREIRO, vem sendo publicada regularmente. Seguiu-se-lhe o "Anuario Açucareiro", que se acha no terceiro anno de existencia.

Em fórma de livro, foram feitas as seguintes edições: "A defesa da producção açucareira", pelo sr. Leonardo Truda; "Alcool" (alcocmetria, estequiometria e analises), pelo professor Arnibal R. de Mattos, da Escola de Engenharia de Pernambuco; e "Lexico Açucareiro Inglez-Portuguez", por Theodoro Cabral.

Temos em preparo, a publicar brevemente, um novo livro do sr. Leonardo Truda, ainda sobre a defesa da produção açucareira; outro do professor Annibal Mattos, intitulado "Manual de Fermentação"; e uma "Consolidação das leis açucareiras".

USINA BRACUHI

Em 13 de fevereiro do corrente anno, o sr. João José de Macedo requereu o estabelecimento de uma quota de 80.000 saccos de açúcar para a Usina Bracuhi, sita em Angra dos Reis, no Estado do Rio de Janeiro. Indeferido esse requerimento, em sessão da Comissão Executiva de 8 de março ultimo, recorreu aquella firma ao Instituto, em data de 14 de maio seguinte, pedindo a reconsideração da decisão anterior.

Em sessão de 4 do corrente a Comissão Executiva estudou o recurso, indeferindo-o, por não encontrar, nelle, elemento algum que justificasse, de qualquer fórma, a modificação de sua resolução anterior.

"CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS AÇUCAREIRAS"

Apesar de recente, pois foi iniciada depois de 1930, a actual legislação em vigor sobre o açúcar e o alcool já conta uns trinta decretos federaes, além de varios outros estaduais e avisos e circulares ministeriaes. Não só a falta de um livro, que encerre toda essa legislação em um só volume, como, sobretudo, a multiplicidade de decretos que a constituem, difficultam a consulta, de parte dos interessados, a quaesquer dispositivos legais. Desejando remediar essa situação, a Comissão Executiva deliberou mandar coordenar uma consolidação das leis açucareiras vigentes, inclusive as que se referem ao alcool. Desse trabalho foram incumbidos os srs. Hugo Napoleão, chefe do Contencioso do Banco do Brasil e consultor juridico do I. A. A., e Theodoro Cabral, redactor desta revista.

O livro, que será de character eminentemente pratico, dividir-se-á em duas partes, sendo a primeira a consolidação e a segunda o texto integral das leis em vigor. Abundantes notas elucidativas facilitarão a intelligencia do texto legal.

"A Consolidação das leis açucareiras" será publicada dentro de alguns mezes.

MONTAGEM DE USINA

Allegando achar-se amparado pelos dispositivos do decreto numero 24.749, de 14 de julho de 1934, o sr. Erick Koch Weser solicitou ao I. A. A., em requerimento de fevereiro do cor-

rente anno, licença para importar machinismos e accessorios para a montagem de uma usina de açúcar no districto de Rolandia, municipio de Londrina, no Estado do Paraná.

Dada a necessidade de informações mais precisas, a direcção do Instituto nomeou um dos seus fiscaes para fazer, "in loco", a verificação do allegado.

De posse dessas informações e depois de estudar detidamente o assumpto, resolveu a Comissão Executiva indeferir o requerimento.

USINA JOAQUIM ANTONIO

Do limite de produção annual, que lhe fôra fixado, de 2.903 saccos, recorreu a usina Joaquim Antonio, sita no Estado do Maranhão, pedindo fosse o mesmo augmentado para 5.000 saccos, quantia que julga indispensavel para attender ás suas possibilidades de moagem nesta safra.

Estudado o recurso, verificou a Comissão Executiva do I. A. A. que, tomadas em consideração a produção do quinquennio e a capacidade de seus moendas, a usina poderia ter o seu limite definitivo ampliado para 3.372 saccos, em vez dos 2.903 que lhe tinham sido attribuidos. Esse limite (3.372 saccos) foi approved. Resolveu ainda a Comissão Executiva que, na presente safra, de accordo com a resolução tomada para as usinas dos Estados do Sul, fique estabelecido que a esta e a outras usinas em identicas condições, de qualquer zona, que não venham a ter a sua situação de excessos naturalmente solucionada dentro dos saldos da maioria de seus congeneres do mesmo Estado, se torne extensiva a facultade de exceder de 20 % a propria limitação, sem qualquer restricção, de parte do Instituto. Assim, na safra de 1937-38, a usina Joaquim Antonio poderá fabricar livremente até 4.046 saccos de açúcar de 60 kilos.

NOVOS MEMBROS PARA A COMISSÃO EXECUTIVA DO I. A. A.

No expediente da sessão de 4 do corrente, da Comissão Executiva, foi lido o officio de 2 do corrente, em que o director do Expediente e Contabilidade do Ministerio da Agricultura communica ao sr. presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool que, pela lei numero 458, de 16 de julho ultimo, foram incluídos na Comissão Executiva do I. A. A. dois representantes dos plantadores de canna de açúcar, sendo um dos Estados do Sul, Espirito Santo inclusive, e um dos Estados do Norte, e mas um representante dos usineiros do paiz.

A lei referida está publicada em outro local ca presente edição.



USA AGORA EXCLUSIVAMENTE O CARVÃO ACTIVO
 "NORIT" EM SEU PROCESSO DE REFINAÇÃO DE ASSUCAR.

A opinião valiosa de um que sabe

Recife, 9 de Julho de 1937
 Tenho trabalhado em refinarias de assucar, ha longos annos, com varios carvões vegetaes de varias marcas e procedencias.
 Mas voltei ao "NORIT" pela sua facilidade em serviço, e, sobretudo pela segurança em sua regeneração tornando economicamente interessante o seu uso.

J. Cardoso Ayres

Director-Presidente
 Companhia MELHORAMENTOS EM PERNAMBUCO
 Chefe de Casa
CARDOSO AYRES & CIA.
 Director da REFINADORES UNIDOS LTDA.

N. V. NORIT VEREENIGING
 VEREENIGING CENTRALE
 AMSTERDAM — HOLLANDA
 AMERICAN NORIT COMPANY, INC.
 551. Fifth Avenue, NEW-YORK, EE. UU.
 CHARLES DE TOMASZEWSKI
 Representante Geral para o Brasil
 Caixa Postal 927 — SÃO PAULO

↳ Cerca de dois milhões de toneladas de assucar são refinadas annualmente com o NORIT.

DA ADUBAÇÃO CHIMICA DA CANNA DE AÇUCAR

Adrião Caminha Filho

A principal finalidade do presente artigo é de despertar a atenção dos agricultores e usineiros para o cuidado que deve presidir a applicação dos adubos químicos á cultura da canna de açúcar. Na sua generalidade a adubação química dessa graminea industrial é feita desordenadamente, sem se attender aos factores essenciaes do solo em função da vegetação e do desenvolvimento das plantas, factores que devem ser observados e respeitados em beneficio da sua propria fertilidade e da producção economica.

Não basta adquirir o adubo e incorporá-lo á terra. É preciso, antes de tudo, conhecer o que se vai adubar e saber o que se vai comprar não só em função daquelle conhecimento como do valor da composição e da proporção das substancias que compõem os adubos químicos commerciaes.

A economia agricola moderna está baseada em produzir mais e melhor em menor área, reduzindo o custo unitario de producção.

A adubação química da canna de açúcar requer estudos, observações e orientação, para que se possa obter a compensação economica effectiva das despesas em especie applicadas ao sólo e dos gastos dessa applicação.

As considerações que se seguem dão uma idéa do quanto é complexa e delicada a adubação química da canna de açúcar. Ha apenas o bom proposito de esclarecer e orientar aquelles que porventura venham mal gastando nas suas lavouras, imbuídos da propaganda pertinaz e intensa dos que procuram vender adubos num interesse puramente commercial, aliado por completo o interesse agricola.

*
* *

Ainda hoje é objecto de discussão e de controversia se ha vantagens de ordem economica na adubação química da canna de açúcar.

De um modo geral a adubação química da canna de açúcar promove uma maior tonelagem de canna por hectare e uma diminuição de açúcar na canna, notadamente com os adubos azotados. É que o adubo estimula o crescimento e prolonga o periodo vegetativo da planta retardando a maturação saccarina, de vez que, em pleno crescimento ou vegetação, a planta não accumula saccarose de reserva, que é sempre desdobrada, pela hidrolise, em glicose e levulose.

Eis porque, não se póde recommendar a miúdo a adubação química, principalmente com os adubos nitrogenados que produzem augmentos sensiveis de producção de canna mas provocam tambem uma depressão accentuada no rendimento fabril determinando, como consequencia, um augmento no custo de colheita, transporte e fabricação por unidade de açúcar. Desse modo, não ha compensação economica evidente. A conclusão logica é que se precisa de maior quantidade de canna para produzir uma tonelada de açúcar, quando se adiciona fertilizantes azotados, afim de se obter uma compensação sobre os effectos do mesmo na diminuição da riqueza saccarina.

Não se deve, entretanto, deduzir do exposto, que a adubação química não é recommendavel para a canna de açúcar. Evidentemente, não é uma planta que responda bem aos fertilizantes químicos, como veremos mais adiante, mas em casos especiaes e de um modo geral esta adubação não deve ser desprezada.

Não sómente a producção barata de quantidades additionaes de canna e açúcar constitue uma vantagem dos adubos nitrogenados como tambem a canna adubada apresenta-se mais sã e mais resistente ás enfermidades do que a não adubada e o fertilizante applicado em um anno beneficia, até um determinado ponto, a canna dos annos posteriores; as sóccas são mais vigorosas e mais productivas. Por outro lado, a canna adubada cresce e se desenvolve mais rapidamente e os canaviaes tornam-se mais densos exigindo, consequentemente, menos tratos culturaes.

Das numerosas experimentações realizadas nas principais regiões acucareiras do mundo e aqui entre nós, chega-se a uma conclusão básica quanto aos adubos azotados: *a canna de açúcar responde prontamente aos fertilizantes nitrogenados no aumento de canna por hectare.*

Deve-se advertir que os solos férteis respondem muito melhor aos adubos chi-



P. O. J. 2883 com 8 mezes de idade. Adubação azotada no acto do plantio e 5 mezes após. Notz-se o vigor vegetativo e surpreendente desenvolvimento.

micos. Antes de qualquer adubação química, é preciso examinar o solo sob o ponto de vista físico, de modo que os fertilizantes applicados possam produzir os efeitos desejados.

Os resultados concludentes da adubação química dessa graminea industrial podem ser resumidos do seguinte modo:

a) *Os adubos potássicos*, salvo em casos de terras bastante pobres ou arenosas, não produzem benefícios apparentes; não tem nenhum effecto sobre a produção de canna nem sobre a qualidade da mesma, isto é, sobre a riqueza saccharina e sobre a pureza do caldo.

b) *Os adubos fosfatados* actuam igualmente como os potássicos e em geral apresentam um effecto mínimo e inseguro em augmentar ligeiramente a produção de canna. Entretanto, parecem ter uma certa importância na clarificação. Quando o teor de P2O5 não alcança um certo mínimo, os caldos não clarificam bem. Nesse ponto, porém, já se apresenta uma dúvida quanto a variedade P. O. J. 2878 que apresenta um baixo teor de P2O5 no caldo, não sendo pois uma questão de solo ou de adubo e muito mais propriamente um factor fisiológico da variedade. Os adubos fosfatados não têm nenhum effecto sobre a riqueza saccharina nem sobre a pureza do caldo.

Experiencias recentes comprovaram que certa quantidade de fosforo augmenta o aproveitamento da potassa no adubo.

c) *Os adubos azotados* produzem consideráveis augmentos na produção de canna por hectare, apressam o crescimento e o desenvolvimento da canna favorecendo a perfilhação e o entouceiramento. As plantas de canna de açúcar que recebem fertilizantes azotados são, apparentemente, mais sãs, resistem mais ás enfermidades e as folhas apresentam coloração mais viva e mais intensa do que as não adubadas. Devido ao activo e continuo crescimento a canna adubada é menos rica em açúcar bem como menor é a pureza do caldo. A applicação dos adubos azotados deve ser feita o mais cedo possível para evitar, em parte, a diminuição da riqueza saccharina. Recommenda-se adicionar estes fertilizantes antes da colheita, de modo a não affectar a canna a ser colhida, o que favorece as soccas, determinando uma rápida e vigorosa brotação.

d) A *cal* não tem um papel importante na adubação da canna de açúcar sendo empregada mais como um correctivo do que propriamente como adubo. A canna de açúcar parece toferar grandes fluctuações no teor de cal dos solos.

A cal produz, frequentemente, um ligeiro augmento de canna por hectare mas parece não ter nenhum effecto sobre a ri-

queza saccarina. A sua applicação tão pouco melhora a qualidade dos caldos, ficando por terra o rifão "quanto mais cal no campo menos cal na usina".

e) O *enxofre*, ainda pouco applicado como adubo químico, produz apreciáveis augmentos de canna e de açúcar por hectare.

Outros experimentos têm sido realizados com diversos adubos e principalmente com os chamados *adubos catalíticos* (borax, manganez, bario, compostos de arsenico e de mercurio, etc.) no sentido de que os effectos de taes substancias sejam o de estimular a planta, embora applicados em quantidades minimas, e na idealidade de que exista a possibilidade de se encontrar alguma substancia que immunize a canna contra o mosaico e outras enfermidades. Os resultados até agora obtidos são negativos.

Alguns experimentadores affirmam que é possível evitar a diminuição da riqueza saccarina produzida pelos adubos azotados, desde que se faça ao mesmo tempo a adubação potássica e a fosfatada. Evidentemente tal combinação não produz os resultados desejados.

Não obstante, a adubação química da canna de açúcar deve obedecer ao sistema dos adubos percentuaes e equilibrados. A adubação isolada, com um unico fertilizante, só em casos especiaes poderá ser recommendavel.

Por outro lado toda e qualquer adubação química, notadamente na cultura da canna de açúcar, deve ser muito bem orientada, respeitando o equilibrio químico e a reacção fisiologica dos terrenos.

E' preciso comprehender, antes de tudo, que a reacção fisiologica de um sólo, sob o ponto de vista de sua fertilidade, é de vital importancia. Toda cultura exige, para um maior desenvolvimento e productividade, terrenos que possuam, entre outras características, certa reacção fisiologica, isto é, certo grão de acidez ou de alcalinidade.

Para a canna de açúcar a reacção mais favoravel está entre o pH6.0 e pH7.5, ou seja, ligeiramente acida ou ligeiramente alcalina.

Conclue-se, pois, que existe uma necessidade de se respeitar o quanto possível o equilibrio dessa reacção, porquanto, muitas das vezes a addição dos adubos poderia ter um effecto contrario.

Eis o motivo porque não devem os agricultores e os usineiros confiar na propaganda commercial dos adubos e sim na propaganda tecnica, comprovada pela analise e pela experiencia.

Não basta que um determinado adubo apresente uma proporção ou relação entre os fertilizantes que o compõem, de tal modo que um elemento facilite a absorção de outro pela planta. Estes adubos, os mais generalizados, são adubos percentuaes mais não são adubos equilibrados. Entende-se por essa designação os adubos de tal modo constituídos, que não affectam a reacção fisiologica do sólo.

Os adubos percentuaes ou desequilibrados differem dos equilibrados apenas na selecção das substancias, ou seja a addição ou substituição de certos elementos productores de azoto, de fosforo e de potassa. Não que seja indispensavel eliminar por completo o emprego de certos saes que formam acidos, porém, que se utilizem substancias que neutralizem a acção daquelles.

Sem duvida que isso é theoria moderna, mas é a tecnica e a sciencia em beneficio da agricultura racional, da agricultura economica, e as grandes fabricas de adubos já obedecem a essa orientação.

Sábe-se hoje que um por cento de azoto, em uma tonelada de adubo em forma de sulfato de ammonio, requer 107 libras de carbonato de cal para neutralizar seu poder de formar acidos; que um por cento de azoto em forma de uréa requer apenas 36 libras de carbonato de cal. Para o nitrato de potassa o "poder neutralizante" é de 40 libras; para a cianamida, 57 libras; nitrato de cal, 27 libras; calnitro, 22 libras e nitrato de sodio, 36 libras; todos calculados em equivalente de cal por unidade (20 libras) de azoto em uma tonelada de adubo.

Com isso podemos aconsellar aos agricultores que antes de adquirirem adubos commerciaes se certifiquem dos elementos e das quantidades de cada um, que entram nas suas composições. Na impossibilidade de se obter adubos fisiologicamente neutros, é recommendavel então preferir aquelles que demonstram, inicialmente, pela sua propria composição, menor tendencia a formação de acidos no sólo.

Outro ponto delicado da adubação chi-

mica da canna de açúcar é a quantidade de adubos a se empregar por hectare.

A produção de canna aumenta pro-

porcionalmente com a produção e pode até pro-
vocar a diminuição. De outra parte, como
vamos ver, o rendimento total da canna



Cannaviais de Coimbatore 290, nas culturas da usina São José, em Campos, E. do Rio. Recebeu adubação de Nitrophoska IG, tipo F. A produção deste cannavial está calculada em 200 toneladas por hectare.



Bellísimos cannaviaes de P.O.J. 2878, em Utinga - Alagoas. - A água usada na irrigação foi somente as dos esgotos da usina

porcionalmente com a quantidade de adubo aplicado até a um determinado *maximo*, depois do qual, o aumento de adubo não

adubada diminui progressivamente com o aumento da quantidade de adubo desde o início da sua aplicação.

Vê-se, pois, que a adubação química da canna de açúcar não é uma coisa fácil e correntia e deve submeter-se ao estudo de numerosos factores, inclusive o da própria variedade cultivada.

Isso significa que cada plantador terá que estudar e determinar como deverá ser feita a *adubação química económica* dos seus cannaviaes.

Dahi a necessidade de se determinar, e é a experiência que orientará, o *optimo fisiológico*, que será constituído pela quantidade optima do adubo a ser empregado que produza mais canna e açúcar por hectare. Isto quer dizer que applicando menos que essa quantidade se obterá menos canna e açúcar e se ao contrario, se empregar mais, o provavel augmento de canna ficará neutralizado pela diminuição do rendimento. Disso origina-se o *optimo económico* que será a quantidade de adubo a empregar que produza um maximo de utilidades por hectare, optimo este que varia de accordo com muitos factores, taes como a variedade de canna, a época de plantar e de adubar, as condições de sólo, climaticas e locaes.

A applicação, pois, de adubos em maior quantidade que a do optimo económico, só pôde trazer perdas sensiveis e evidentes.

Têm grande importância o sistema e a época de applicação dos adubos na canna de açúcar.

Regra correntia e recommendavel, é o emprego em duas vezes, sendo a primeira parte do adubo applicada na occasião do

O tratamento B mostrou, evidentemente, ser o mais effectivo. A razão disso pôde ser explicada no fundamento de que agora é mais conhecido o sistema radicular da canna de açúcar, cujas raizes pertencem a categoria das fibrosas ou fasciculadas. As raizes que nascem logo no inicio do crescimento da planta, geralmente são denominadas *primarias*. Mais tarde, a medida que a canna cresce as raizes primárias do plantio. O adubo é espalhado o mais ho-

mogeneamente possivel no fundo dos sulcos e misturado com a terra antes de se collocar as estacas, para o que é bastante arrastar uma corrente dentro dos proprios sulcos. A segunda parte deve ser applicada tres mezes depois do plantio, sendo o adubo espalhado junto ás plantas, e a seguir escarifica-se o sólo nos entre-sulcos com um cultivador, realizando-se ao mesmo tempo a *amontôa*, que consiste em chegar a terra ás plantas cobrindo-se assim o adubo já espalhado.

II. Evans, em Mauricia, realizou experiencias muito interessantes de adubação química da canna de açúcar, relacionando-as com os estudos de raizes chegando a conclusões valiosas. Assim, foram realizados parallelamente os seguintes experimentos:

A — Todo o adubo foi collocado no sulco no acto do plantio.

B — Todos os fosfatos, um terço da potassa e um terço do azoto foram applicados no sulco no acto do plantio; os outros dois terços da potassa e outro terço do azoto foram applicados tres mezes depois do plantio, ao redor das touceiras, numa distancia approximada de um pé e foram enterrados no sólo. O ultimo terço do azoto foi espalhado seis mezes após o plantio sobre toda a superficie dos entre sulcos e misturados com o sólo com um cultivador.

C — Todo o adubo foi espalhado uniformemente sobre o campo tres mezes depois do plantio e da escarificação.

D — Todo o adubo foi applicado immediatamente na base das touceiras e coberto com terra, methodo geralmente empregado em Mauricia.

E — Campos de *contról*: (testemunhos) — Estes receberam sómente o tratamento fertilizante *standard*, de tres toneladas de esterco por *arpent* (4.356 metros quadrados), o qual foi dado tambem á todas as outras parcelas.

Os resultados em toneladas de canna por *arpent* (4.356 ms.2) foram os seguintes:

Tratamento	A	—	19,56
"	B	—	21,07
"	C	—	19,51
"	D	—	18,68
"	E	—	18,21

A ORGANIZAÇÃO RACIONAL DO TRABALHO, suprime o desperdício de energias humana e mechanica e de materiaes.

rias se ramificam, atravessando o solo em diferentes direcções e formando as *secundarias* e as *terciarias*. Esta ramificação se faz sempre para fóra, lateralmente.

Emquanto nova, a raiz apresenta uma velocidade característica, constituída por numerosos pellos brancos e muito finos, chamados pellos absorventes ou radicles e que desempenham uma funcção importantíssima, já que através delles passam a agua e as substancias que a raiz condiz ao colmo para servir de nutrição a planta. Esta vellosidade está sempre um pouco áquem da extremidade da raiz. A medida que a raiz cresce e se estende, os pellos absorventes desprendem-se e caem na par-

tido e caem no sulco ou immediatamente a redor da base das touceiras e praticamente inaproveitavel. Esta é a razão porque as ultimas applicações do adubo são mais benéficas quando são collocadas na vizinhança immediata das radiculas activas, que estão em continuo desenvolvimento e se extendendo cada vez mais para fóra.

Deve se observar que existe uma consideravel differença na relativa proporção de desenvolvimento do sistema radicular das diversas variedades de canna de açúcar. Entretanto, pode-se affirmar que quando as plantas têm 2 a 3 mezes de idade, a superficie absorvente desenvolvida é



Residuo de filtros Oliver amontoado no campo e prompto, para ser incorporado ao solo como adubo. A melhor pratica de applicação desse adubo é antes do nascimento da canna.

te mais velha, apparecendo outros novos na região proxima a sua extremidade, isto é; a zona pilifera conserva approximadamente igual extensão durante todo o processo de desenvolvimento da raiz.

O que acontece é que as raizes se espalham para fóra em todas as direcções e num determinado tempo as partes das raizes proximas da touceira tornam-se grossas, desaparecendo a zona pilifera e perdem assim o seu poder absorvente tornando-se apenas meros conductores. Os pellos absorventes que são os verdadeiros elementos de absorpção da agua e do alimento, estão nas extremidades das raizes, mais afastados para fóra, do meio dos sulcos. O

bastante extensa e capaz de absorver os elementos fertilizantes applicados.

Para finalizar, convem advertir ainda que a adubação mais importante para a canna de açúcar é a adubação organica e, quando se tenha de fazer a adubação chimica, esta deve sempre ser precedida daquella, sem o que os resultados não serão effectivamente os desejados.

A adubação organica pôde ser feita com estercio de curral, com estrumes compostos ou ainda com adubos verdes, sendo que estes ultimos têm a grande vantagem de não só melhorar as condições fisicas do sólo como de fixar o azoto do ar no sólo e activar a sua flora microbiana.

NOMENCLATURA INTERNACIONAL DAS VARIEDADES DE CANNA DE AÇUCAR

A significação da nomenclatura alfabética das variedades de canna de açúcar é muito pouco conhecida e divulgada.

No presente artigo, damos uma relação completa da nomenclatura actual, que a todo o momento poderá ser augmentada e por conveniências, internacional e de elucidação, mantemos o texto principal no idioma inglez, que é o geralmente adoptado nos congressos açucareiros.

Facil é verificar que não ha uma orientação definida, existindo grande heterogeneidade no sistema e diversidade na significação, tornando-se assim um pouco confusa a nomenclatura citada, havendo mesmo dualidade. Exemplifiquemos com a letra *F*, que póde determinar uma variedade de Formosa, do Japão, como póde significar uma variedade de Florida, dos Estados Unidos.

Assim, as iniciaes que precedem os numeros de uma variedade de canna de açúcar podem indicar o paiz de origem; a estação experimental onde foi obtida e desenvolvida; a fabrica em cujas plantações ou jardins experimentaes foram conduzidos os trabalhos de hibridação; o nome da pessoa que realizou as séries híbridas. Algumas vezes, tambem, letras additionaes são collocadas para indicar caracteres peculiares, como, por exemplo, *H* para híbrido e *SF* para *self fertilized*. Apenas em um caso a letra *H* como adicional não tem a significação de híbrido, quando se trata das séries *HQ*, de Queensland, desenvolvidas em Hambledon, a plantação onde a Colonial Sugar Refining iniciou a producção de seedlings desde 1901.

Quando a primeira inicial de um paiz existe para outro com variedades já no-

menclaturadas, é acrescentada uma letra minuscula á letra inicial, para evitar confusão, como no caso das variedades de Coimbatore, na India, que estão nomenclaturadas com *Co.* para differenciar-se dos seedlings de Cuba, que têm a inicial *C.* Seria o caso de adoptarmos para as variedades da Florida, *Fl*, em vez de *F*, que já pertence a Formosa.

Regra geral, os numeros duplos servem apenas para os registros internos das séries de hibridação de um determinado paiz, estação ou plantação; são assim numeros provisorios. Os numeros permanentes e isolados são dados aos seedlings de excepcionaes qualidades e após varios annos de rigorosa selecção. São então tipos denominados commerciaes, com nomenclatura definitiva.

Alguns autores acrescentam ao numero de série o do anno em que foi obtido o seedling. Assim, *CH64 (21)* representa um híbrido interespecifico obtido por Calvino em Cuba, do cruzamento da *D 74* com a *Ubá* em 1921. Neste caso, *64* significa o numero da série de híbridos do anno de 1921. Outros antepõem o anno ao numero da série, como no caso da *CP 27-139* e *CP 28-11* que são, respectivamente, seedlings obtidos em 1927 e em 1928, em Canal Point, Florida, na Estação Experimental do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos da America do Norte.

As letras combinadas com numeros são frequentemente usadas nos registros de hibridação locais, não tendo logar na nomenclatura internacional, como por exemplo *25C17* e outros que indicam o numero de série dos cruzamentos feitos em 1925 em Hawaii de *Yellow Caledonia* x *H 109*.

E. G. Fontes & Co.

Exportadores de Café, Açúcar,
Manganez

E outros productos nacionaes

Importadores de tecidos e mercadorias em geral

Instalações para producção de alcool absoluto pelo processo das Usines de Melle

Rua Candelaria Ns. 42 e 44

TELEFONES: { 23-2539
23-5006
23-2447

CAIXA DO CORREIO N. 3

Telegrammas AFONTES - RIO

RIO DE JANEIRO

E' a seguinte a nomenclatura alfabetica actual com a respectiva significação:

B: Barbados
Ba: " (later séries)
BH: " Hybrid
BSF: " Self Fertilized
B (our): Bouricius bred seedlings in Java
C: Cuba
CAC: Phillipines Seedlings produced at Los Banos Coll. Agr.
CB: Campos, Brazil (Sugar Cane Experiment Station)
CC: Phillipines seedlings produced at Los Banos Coll. Agr.
CH: Cuba Hybrid
Co: Coimbatore Cane Breeding Station, India
CP: Canal Point (Fla.) Breeding Station of U. S. Dept. Agr.
D: Demerara (British Guiana)
DI: Demak Idjo (Java) — Sugar Factory
E: Egypt
EK: E. Carthaus seedlings in Java
F: Florida Agricultural Experiment Station, Bella Glade.
F: Formosa

Farjado Central, Puerto Rico
Sugar Factory
Guadeloupe
Guanica Central, Puerto Rico
Sugar Factory
H: Hawaii
HQ: Old Hambleton seedlings produced in Queensland
J: Jamaica
J: Formerly occasionally used instead of POJ (Java)
L: Louisiana.
M: Mauritius
MPR: Mayaguez, Puerto Rico, Experiment Station.
MD: Barbados séries of crosses of Barbados and POJ seedlings
M: *Minka*, a Japanese word for *striped*. Properly POJ 36 (M) Canes imported from New Guinea (Papua)
P: Perú
POJ: Proefstation Oost Java
PR: Seedlings produced at Puerto Rico Insular Experiment Station, Rio Piedras
PSA: Phillipine Sugar Association
PWD: Poerwodadi (Java) — Sugar Factory
Q: Queensland
SC: St. Croix, U. S. Virgin Islands
SJ: South Johnstone Experiment Station, Queensland.
SK: St. Kitts, B.W.I.
SW: Sempal Wadack (Java)
T: Trinidad
Tjep: Tjepering (Java) - Kassoer X Cheribon seedlings.
Tuc: Tucuman (Argentina) Agricultural Experiment Station
UD: Hawaiian Ubá X D 1135 seedlings
US: U. S. Dept. Agr. Breeding Station at Canal Point, Fla.

Convem observar que as letras combinadas com numeros são frequentemente usadas em registros locais de hibridação, mas não tem significação na nomenclatura internacional, como por exemplo: 25 C 17 e 26 C 270, que representam a série de numeros da Caledonia Amarella X H 109 em 1925 e em 1926.

PROBLEMAS DO BRASIL

O nosso collaborador, jornalista André Carrazzoni, na edição de 5 de agosto do vespertino "A Noite", desta capital, publicou o artigo que a seguir reproduzimos sobre "O credito agrícola no Brasil", titulo da conferencia realizada pelo sr. Leonardo Truda na Sociedade Nacional de Agricultura.

No livro "La crise du progrès", que condensa um valioso material de controversia, principalmente em relação aquelles que occupam, em face do pretensão humanismo socialista do autor, a posição de antipodas, Georges Friedmann estabelece as profundas correspondencias existentes entre a literatura moderna e certos estados de inquietação collectiva denunciadores de sensíveis mudanças de clima ideologico. Longe de traçar-lhe o caminho da fuga na amavel solidão de si mesmo, a literatura põe o homem em contacto directo com o drama humano, servindo-lhe de antenas para a captação dos longinquos rumores de tempestades ou de instrumento de analyse no largo mergulho ao misterioso mar social dos nossos dias. No fundo de toda criação literaria, excluido o gosto da arte pura ou da arte apolitica, restará a essencia de cada época, simultaneamente exprimindo o que ella guarda de universal e de particular. A these de Friedmann sempre se poderá oppôr o dogma dos defensores do individualismo na arte, individualismo que fixando as fronteiras do territorio autonomo da literatura, assegura ainda o prestigio da velha torre de marfim dos espiritos solitarios. Se aos escriptores cabe o direito de aceitar ou condemnar a fusão de elementos extranhos na materia literaria, ao jornalista não se permite o luxo de permanecer alheio á corrente da vida que circula ao redor, para se isolar, na frigidez do seu egoismo, das emoções, das palpitações

A ORGANIZAÇÃO RACIONAL DO TRABALHO no commercio, na industria, na agricultura, em qualquer actividade, é a administração scientificamente exercida, conveniente a todos.

dos interesses do momento social. Escriptor, por sua vez, confinado na sua technica profissional, mas sabendo evitar a "barbaria da especialização" na libertação panoramica de uma cultura geral, elle faz do jornal o crivo maravilhoso da massa dos factos que alimentam a curiosidade das turbas e das vagas idéas que banham a intelligencia dos differentes grupos da sociedade. Nem tudo, porém, se reduz á simples refração no officio de quem, informando, reflectindo e diffundindo, tambem deve orientar. Por experiencia propria, sabemos todos que o ponto crucial da profissão está no poder conciliar o realismo primario das multidões com a sua eterna volupia dos multos: a apparencia da verdade encerra para ella qualquer coisa do monstro fabuloso, com a cabeça de touro, o corpo de cabra e a cauda de dragão. O grande jornalista não será sómente aquelle que com maior objecto faz incidir a luz de sua lanterna magica sobre o labirinto de tantas contradições quotidianas, mas, sobretudo, aquelle que nunca deixa de crear atmosferas favoraveis ao exercicio dos actos generosos, á pratica das virtudes do povo, aos constantes successos do bem sobre o mal. A elastica potencia de suggestão do jornal nos impõe a regra da moderação, nas fases agitadas em que temos a sensação de ver a historia germinar debaixo do nosso raio visual, a cada instante. Entre o homem de imprensa, realmente predestinado ao serviço social, e o homem de Estado, o parentesco é evidente, não se pôde recusar a co-existencia de requisitos e dos affins. Os problemas inseparaveis da civilização nacional, as soluções que acenam ao individuo com o allivio da propria miseria ou acenam com a prosperidade para a nação, devem encontrar no jornalista o proselitismo veemente, o espirito critico animado. O concurso da confiança que ajuda a construir e a realizar. Fóra desse programma objectivo, havemos de alcançar exitos efemeros, manipulados ao sabor de paixões interesseiras, nunca, porém, a victoria que brilha nos titulos imprescriptiveis da benemerencia publica.

A leitura do ultimo trabalho que o nosso eminente collega Leonardo Truda offereceu á meditação dos

O ALCOOL-MOTOR NOS ESTADOS UNIDOS

A mistura carburante à base de álcool atinge o caminho em todo o mundo. No Alasca, por exemplo, e em muitos outros países é obrigatória a adição de certa percentagem de álcool à gasolina a ser consumida pelos automóveis. E até nos Estados Unidos, onde os poços de petróleo jorram com abundância e o óleo mineral, já se começa a adoptar a mistura gasolina-álcool.

Dupla razão justifica a crescente utilização do álcool-motor. A primeira, da máxima importância para os países privados de jazidas petrolíferas, é a conveniência de dar emprego ao álcool, que é sub-producto agrícola. Desse modo se dá consumo a um artigo nacional e ao mesmo tempo se diminui a evasão do ouro para a aquisição do combustível mineral estrangeiro. A segunda, que é tomada em consideração em toda parte, é que o álcool anidro, misturado em determinadas proporções, melhora a gasolina como combustível para os motores de expansão.

Em recente edição de BRASIL AÇUCAREIRO noticiamos a instalação em Kansas, Estados Unidos, de uma fabrica de álcool-motor.

Ed assumpto se occupa a revista "Review of Reviews", de Nova York, em seu numero de junho ultimo.

Salienta a revista americana que o emprego do álcool como combustível abre um novo campo de em-

preços para um grande numero de productos capazes de produzir álcool e que as difficuldades technicas, hoje já muito vencidas, impediam o seu emprego generalizado.

Estudando a questão — prosegue a "Review of Reviews" — os cientistas verificaram que a adição de álcool à gasolina concorre para melhorar a permissão maior compressão no cilindro do motor, resiste a compressões muito altas sem detonar e, por isso, tem grande valor como anti-detonante. Sendo um forte dissolvente, o álcool conserva limpas as partes vitaes do motor. Occorre ainda que a combustão de álcool na camara do motor é mais lenta e realiza-se a temperatura mais baixa que em a gasolina. E as misturas álcool-gasolina, queimam mais perfeitamente e permittem um funcionamento mais suave do motor, aquecem menos as válvulas e a cabeça do pistão que a gasolina pura.

Assim, pois, o álcool não é um substituto, mas um associado da gasolina.

A fabrica de Kansas, que funciona desde outubro do anno passado, distribue um producto sob o nome commercial de "Agrel", que contém o álcool ethilico e outros alcools.

"Agrel" é vendido para ser misturado com a gasolina na proporção de 5, 10 e 15 %, conforme o poder anti-detonante que se deseja obter.

cuvinhas, numa sala de conferencias, é um bello exemplo da variedade de temas substantivos que o jornalista tem ao alcance da intelligencia, para servir á sua terra e á sua gente. O banqueiro que circumstancialmente eclipsa o jornalista, no caso concreto do sr. Leonardo Truda, deixou-lhe intactas as qualidades do antigo "métier" — clareza de exposição, amplitude de pontos de vista, rigor das conclusões, objectividade dos argumentos, transparencia de estilo. Do mesmo modo que o homem de Estado, aqui o jornalista se preocupa da valorização do homem brasileiro, na sua qualidade representativa das aptidões civilizadoras da propria raça. A economia politica marca o logar theoretico do homem economico dos novos tempos, apenas á maneira de uma entidade abstracta sem relações de espaço e de tempo. no trabalho do sr. Leonardo Truda vamos achar a definição do homem economico brasileiro, como sér de carne e osso, retratado nos seus defectos e nas suas magnificas potencialidades, no seu abandono, na total ausencia de condições exteriores para um immediato triunfo sobre as forças da natureza, dentro do quadro dos valores productivos do país. A complexidade do assumpto desaparece na lucidez pragmatica das soluções propostas, abarcando os as-

pectos de ordem economica, social politica e technica. Com alarde de erudição, sem a monotonia dos amadores da autoridade magistral. Jules Goldstein tinha escripto que o "homem que carece de necessidades" é o grande inimigo de todo progresso cultural e de toda expansão economica. O homem economico brasileiro que figura na base do Brasil novo que o jornalista exalta sobriamente no seu estudo, será um creador de riquezas, sendo, ao mesmo tempo, um productor inafastigavel e um consumidor poderoso. Nessa hora temo, quando, no seio das classes agrarias, os beneficios da cultura multiforme da terra tiverem apagado os efeitos ruinosos da idolatria dos dois ou tres productos com fóros de realza em que repousava a estabilidade da nossa organização economica, o Brasil estará aberto a todos os prodigios de uma civilização qualitativa e quantitativamente victoriosa.

Comecemos, porém, de baixo, como quer o sr. Leonardo Truda, na sua fulgurante conferencia sobre o "Credito agricola no Brasil" — dando força, saúde, educação, noções technicas, facilidades materiaes, assistência intelligente ao homem obscuro que lavra os campos e alarga a área da vitalidade economica ao organismo nacional.

"NÃO SE PODE ORIENTAR COM EXCLUSIVISMOS A POLITICA AÇUCAREIRA DO PAIZ"

O projecto que visa a majoração dos preços do açúcar e que tanta celeuma provocou, repercutiu fortemente em São Paulo. O "Diario de São Paulo", que se publica na vizinha capital, dá bem uma idéa do interesse que o assumpto despertou nos meios açucareiros bandeirantes através do pensamento expresso por um productor ligado ao "Centro dos Usineiros de São Paulo", grande estudioso da questão, o qual assim se manifestou ao reporter:

A EQUIPARAÇÃO É PREJUDICIAL

— Devo dizer-lhe, ao iniciar a nossa palestra sobre uma questão que envolve tanto interesse, que a equiparação de que foi objecto a emenda ao projecto Bandeira Vaughn, que estabelecia o augmento de 20\$000, nos preços de sacca de açúcar nas diversas regiões brasileiras, é inteiramente prejudicial á economia açucareira, desde que se lhe dê character nacional. Dirão que falo a linguagem de um simples productor, que defende exclusivamente o interesse pessoal. Não é esse o meu argumento, porém.

— O que affirmo tem fundamento na flagrante differença do padrão de vida entre as varias regiões do paiz. Tenho a impressão de que essa emenda foi feita ás pressas e a prova disso está no facto de não se ter realizado um estudo das condições peculiares a cada região açucareira do paiz, estabelecendo-se como padrão um unico centro productor e industrial, o municipio de Campos, no Estado do Rio de Janeiro.

— Essas questões, dentro do proprio Estado de São Paulo se revestem de caracteres varios, de flagrantes differenças. O productor de Igarapava, para citar um exemplo, por se encontrar mais distanciado, vende por maior preço o seu açúcar.

O CRITERIO DE FIXAÇÃO DE SALARIOS

— Depois, qualquer coisa que se visasse, em materia de fixação de salarios para os trabalhadores, teria que ser feito em character geral. Seria mesmo um principio de justiça social o tratamento equanime das nossas classes operarias. Dessa maneira, não seria justo estabelecer medidas que apenas attingissem esta ou aquella lavoura ou industria florescente.

Haja vista a situação dos preços actualmente em vigor nas diversas praças açucareiras do paiz, para se ter uma idéa exacta de como differem de mercado para mercado, as cotações do producto. Em Campos, o mercado está vigorando a 47\$000, para sacco de 60 kilos, açúcar cristal. Em São Paulo, as cotações alcançam, porém, 63\$000 e, no norte do Brasil, 41\$000 a 43\$000. O poder vender a um determinado preço certa mercadoria implica, indiscutivelmente, nas condições favoraveis ou não do seu custo de produção.

A QUESTÃO DOS SALARIOS E O AUGMENTO DOS PREÇOS DO AÇUCAR

E a relação entre o augmento das cotações do açúcar e dos salarios, justifica-se em alguma correspondencia?

— O augmento que o projecto visa não corresponde á majoração dos preços dos salarios, pois que o destes apenas alcança um pouco menos de 50 %. Não se deve, porém, cogitar nem do augmento dos preços do açúcar, de maneira a que se não affectem os legitimos interesses dos consumidores nacionaes, nem dos salarios dos trabalhadores. E isto se fundamenta na razão de que augmentando o preço dos salarios, se elevará, na mesma proporção, o preço da materia prima com-

prada aos fornecedores. E com a elevação dos preços affectará a economia popular, que não se pode beneficiar onerada desses excessos. Dentro da situação actual, não envolve também a do próprio trabalhador, que seria a pagar um preço elevado por um produto de baixo açúcar.

A SITUAÇÃO DOS DEMAIS PRODUCTORES E OS LIMITES DOS PREÇOS

— O Estado de Pernambuco, que colhe o açúcar no Rio de Janeiro, teria um benefício de 15\$000, por sacco, naquella centro.

— O consumidor de São Paulo e de todos os demais centros importadores nacionaes passariam, entretanto, a pagar o açúcar, approximadamente, a 20\$000 acima dos limites actuaes. A elevação maxima, para os preços em São Paulo, de accordo com as leis em vigor, é de 54\$000 o sacco. Ahi estão incluídos os fretes do Rio a São Paulo e as respectivas taxas, estas na importancia de 3\$000.

— O consumidor paulista, por exemplo, que actualmente paga o preço de varejo á razão de 63\$000 o sacco, seria sacrificado em mais 11\$000, por 60 kilos de açúcar. Quer dizer que, em vez de pagar 1\$500, 1\$600 e, em alguns bairros da capital, até 1\$700 o kilo do producto, passaria a pagar até mesmo 2\$000 o kilo.

O OBJECTIVO DO PROJECTO E RESPECTIVA EMENDA

— O objectivo do projecto é estabelecer um preço máximo para o açúcar, de modo a evitar a especulação e a elevação dos preços, que affectaria a economia popular e a estabilidade da moeda.

— A emenda proposta tem por objectivo estabelecer um preço máximo para o açúcar, de modo a evitar a especulação e a elevação dos preços, que affectaria a economia popular e a estabilidade da moeda.

— O objectivo do projecto é estabelecer um preço máximo para o açúcar, de modo a evitar a especulação e a elevação dos preços, que affectaria a economia popular e a estabilidade da moeda.

Emfim, e para concluir, devo adiantar-lhe que não se pôde orientar com exclusivismo a politica açucareira do paiz, porque de um lado ha o interesse do productôr e, do outro, a economia, não de uma classe, nem de uma região, porém de uma inteira collectividade, grande consumidora do producto.

CARLOS MOURA

Exportador de açúcares CRISTAL, REFINADO, SOMENOS e MASCAVO.

RUA GENERAL CAMARA, 19-9.º andar

Telefone: 43-2193

End. Tel. "CARMOURA"

Rio de Janeiro

1

O actual Ministro da Fazenda, com o Banco de Credito Rural, pôz na ordem do dia o crédito, espontanea creação do commercio antigo, que assignala uma das etapas mais importantes de sua historia.

O credito é contemporaneo do cambio — troca de moedas — exercitado pelos argentarios e trapezitas dos primordios de Roma e de Athenas.

Hoje, está na moda o assumpto, como necessidade inadiavel para salvação da vida economica do paiz. Os agricultores, que desejam ampliar o horizonte de suas justas aspirações, o esperam com ansia mal contida. Todos querem gozal-o, como um direito que sua qualidade de agricultor lhes dá. Infelizmente, porém, nem todos comprehendem que a figura sympathica desse direito exige, para correspondel-a, obrigações que são mais de ordem moral que material.

Paiz cuja vida economica dominante, ou melhor — exclusiva — é a agricultura, o Brasil precisa ter, quanto antes, organizado o seu credito agricola, em moldes que attendam, precipuamente, á vastidão de seu territorio. A periferia deve ser animada da mesma vitalidade que agita o centro creador. E' nas zonas productoras onde ella mais deve fazer-se sentir.

Uma intelligente distribuição de credito intensifica e generaliza a productividade, dando logar á deslocação dos valores. E' essa deslocação de valores quer dizer "circulação da riqueza", factor que eleva o nivel de nossa economia.

O credito á agricultura impõe-se, não sómente por ser o estímulo de que carece a economia privada, como, ainda, porque avoluma e enriquece, como reflexo, o patrimonio publico. Assim, o entendeu o sr. Oliveira Salazar, Ministro das Finanças de Portugal, dotando o seu paiz, pelo decreto n. 16.666, de 27 de março de 1929, de uma perfeita organização de credito. Na America do Norte, do mesmo modo, o assumpto é tratado com elevado carinho, e de ha muito que se prestá o mais efficiente auxilio á agricultura.

A politica economica do Brasil, sob a direcção do sr. Ministro da Fazenda, transmudou o factes que o caracterizava: a lei da usura, a do reajustamento e a creação do Banco de Credito Rural, bem o affirmam. São leis economicas, que vêm em auxilio da classe

agricola, habilitando-a a realizar aquillo que, com os seus proprios recursos, seria incapaz de fazer, tal seu estado de, quasi, senão declarada fallencia.

Saberão os nossos agricultores corresponder tamanha semma de beneficios? Estarão os constructores da nossa grandeza economica educados — tecnicamente falando — para receber o instituto do credito agricola? Saberão comprehendere suas naturaes exigencias? Emfim, quererão admittir que taes leis visam elevar o nivel moral e material de todos os trabalhadores ruraes? São perguntas que tomamos a liberdade de fazer, na certeza, quasi absoluta, de uma affirmação negativa.

E' preciso que os nossos homens do campo saibam que o credito agricola se apoia na economia particular, vendo nella, antes, o reflexo de uma vida laboriosa de trabalho honesto e dignificante, do que o seu proprio valor. A economia privada gera a confiança, por isso que é a consequencia natural do trabalho. E a confiança é o elemento principal sobre que assenta o credito, sendo de capital importancia, para sua concessão, os habitos de trabalho do agricultor, de par com uma vida bem regrada.

Moral elevada — eis a prova eliminatoria, a garantia mais positiva para essa operação principal dos bancos ruraes.

Houve um homem na Allemanha, apostolo do espirito, de cooperação e solidariedade entre os camponezes, idealista dinamico, como diria Oliveira Vianna, que imaginou e realizou, no seu tempo, a regeneração dos costumes de seu povo, reanimando-lhe os sentimentos de fraternidade, na escola do dever que ennobrecia o homem. Fallecendo, no anno de 1888, deixou milhares de associações diffundidas na Italia, na Austria e na propria Allemanha, todas moldadas em seus ensinamentos. Esse homem foi Frederico Raiffeisen. E seus ensinamentos eram fundados na moral sã, que deve ser apanagio do homem do campo, cujo caracteristico é não ter rodeios para dizer o que sente.

Agora, que uma consciencia mais clara das nossas necessidades economicas vem norteando os homens de governo, mostrando-lhes a realidade brasileira, é a oportunidade de todos os homens de boa vontade prestarem seu concurso, seja com a palavra, com a penna ou accção, para a grandeza da patria commum.

E. BURZLAFF & FILHO



Especialistas em cons-
truições de chaminés

Chaminés construídas para usinas de açúcar: Usina Junqueira, chaminé de 75 m.; Usina Esther, chaminé de 60 m.; Usina Itaquerê, chaminé de 60 e 30m.; Usina Mineirás, Campos, chaminé de 40m.; Açucaria Santista, Santos, chaminé de 35m.; Usina Monte Alegre, chaminé de 55.; Usina Tamayo, chaminé de 55m.; Usina Itahyquara, chaminé de 45m.; Usina Pureza, Campos, chaminé de 61m. Construimos em toda parte do Brasil. Fazemos calculas de rendimentos de caldeiras.

Peçam informações e orçamentos sem compromisso

Rua Flor. de Abreu, 125

Tel. 4-1100 — Caixa 2519

SÃO PAULO

As leis economicas, creadas pelos poderes publicos, trazendo novas esperanças á classe agricola, dão um caracter de tal oportunidade a esses estudos que, por espirito de cooperação ou patriotismo, todos devemos concorrer, cada um com o seu grande ou pequeno cabedal, para a construção do nosso edificio economico. Teremos praticado acção patriótica, instruindo e educando a massa agricola para que esteja apta a receber esse elemento vivificador de suas energias, agente decisivo de seu progresso — o credito agricola.

A planta do monumento já se acha executada. Ao serviço da construção antecede o da disposição e preparação do terreno. Os obreiros aguardam que os technicos se pronunciem. Formemos, pois, o ambiente propicio ao desenvolvimento da agricultura pelo credito agricola, ensinando-lhes quaes são os seus direitos e as suas obrigações, como devem agir na defesa dos seus interesses, que são os interesses da comunidade, contra os elementos negativos de toda ordem que atrasam o seu desenvolvimento.

Precisamos dizer a todos aquelles que vivem da agricultura, seja o pequeno ou o grande proprietario, a todos os que amanham a terra, que, sem o espirito de solidariedade da classe rural, nenhuma realização será exequível. A solidariedade é o amalgama com

o futuro da nossa e a fundamentos da nossa futura paz e harmonia.

A ruptura dos laços de solidariedade que vinculam as partes constitutivas de um organismo, qualquer que elle seja, é o começo da desagregação.

Temas bem quente, amou o caso entristecedor do Banco Rural de Pernambuco, que agitou toda a alma dos plantadores de canna do Estado, numa incompreensão unica em toda a historia de sua vida. E um dos mais fortes argumentos, invocados contra aquelle Banco era que so uma classe bem organizada é capaz de fundar e manter um Banco de classe, não podendo elle coexistir sem ella. Ora, se os plantadores de canna não possuíam o espirito de classe, como alma de seu organismo, é claro que o seu orçao, o "Centro dos Plantadores", não podia inspirar confiança a terceiros. E o resultado das discussões, de publico, pelos jornaes, que todos sabemos, prova sobejamente quanto vale a falta de solidariedade entre os elementos de uma classe. E' definição elementar que os corpos devem sua solidez á cohesão das molleculas que os constituem.

Rafael y Jimenez, estudando os agentes negativos, inimigos, como chama, das sociedades cooperativas, classifica-os em dois grupos: exteriores e interiores. Os primeiros são forças contrarias, de raizes profundas no meio social em que vivem. Os segundos têm origem no proprio character dos elementos que constituem as caixas raaes. Entre os inimigos interiores elle distingue os geraes dos especiaes. São geraes a incultura, o individualismo e o absentismo. Especiaes, a incompetencia e a impaciencia.

Como ao espirito intelligente e observador não poderá passar despercebido, todas essas forças contrarias, males que atacam as sociedades cooperativas, todas começam sua acção destruidora pelas cellulas de que se compõe o organismo rural — o agricola, fazendeiro, estancieiro, senhor de engenho, usinciro, ou como queiram chamar.

Quem poderá negar os effeitos desastrosos da politica de aldeia contra a classe agricola, em Pernambuco? Poderão allegar os sofistas ou quem parti pris tiver, que empréstimos de vulto foram levantados no estrangeiro para o fomento da agricultura no Estado. A esses perguntamos, apenas: Que nos dirão os senhores da applicação desses capitães? Foram real e exclusivamente empregados no desenvolvimento da nossa essencial fonte de riqueza? E essa applicação obedceu a criterio seguro, consoante as exigencias e o escrupulo que a technica bancaria recommenda?

Sabemos que era faccioso o criterio adoptado na distribuição dos capitães obtidos no estrangeiro. Sabemos, tambem, que ao banco incumbido dessa applicação não faltava idoneidade para realizar uma distribuição moldada nas normas bancarias. Mas a politica intervinha nas operações, desvirtuando as funções e a finalidade do banco.

(Continúa)

ANNUARIO AÇUCAREIRO

DE 1935, 1936 e 1937

PREÇO DO EXEMPLAR:

brochura -- 10\$000

encadernado -- 20\$000

A' venda nas Delegacias Regionaes do Instituto do Açucar e do Alcool nos Estados da Parahiba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro (Campos), São Paulo e Minas Geraes, e na séde :

RUA GENERAL CAMARA, 19 - 7.º ANDAR - S. 12
(SECÇÃO REVISTA) OU CAIXA POSTAL 420
DISTRICTO FEDERAL

Força Motriz será a Solução de seus Problemas



Não pense mais na falta de braços nem no trabalho moroso dos animais; adquira o seu tractor, escolhendo-o entre os varios typos que a serie International lhe oferece. Força abundante, economia duradoura, manutenção a baixo custo e construcção reforçada são algumas das vantagens que os TracTractores International lhe oferece.

Ponha de lado os aborrecimentos causados pelas frequentes doenças dos animais e pelas despesas que causam enquanto não trabalham; um tractor não conhece fadiga nem cansaço e não gasta quando está parado.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO PORTO ALEGRE
AV. OSW. CRUZ, 87 R. B. TOBIAS, esq. W. Luiz R. VOL. DA PATRIA, 650

Os TracTractores International são construidos em varios tamanhos e modelos, com motores communs de carburação e motores de systema rigorosamente Diesel.

Os motores Diesel International são de partida tão facil como os motores convencionaes á gazolina de igual capacidade, graças a um dispositivo exclusivo International, e não possuem baterias nem motores auxiliares de partida.

A serie International inclui tractores para fins industriaes, para a agricultura, etc., em varios tamanhos e modelos.

COUPON -

Queiram enviar-me gratuitamente folheto sobre os TracTractores International.

Nome _____

Profissão _____

Cidade _____

Estado _____

TRACTRACTOR INTERNATIONAL

O AÇUCAR NO MARANHÃO

Fernando Moreira

Pouco, quasi nada, se sabe a respeito da industria açucareira no Maranhão, onde, assevera Fran Pacheco, Antonio Moniz Barreiros, "activo procurador da Fazenda, instituiu, á margem do Itapicurú, em 1662, os primeiros engenhos".

Anteriormente, isto é, durante a invasão hollandesa (1642-44) foram pelos conquistadores montados cinco engenhos. Dominado por elles o Maranhão, mais 6 engenhos foram levantados naquelle rio e um outro em Araçagi, "dentro da ilha de São Luiz". João Francisco Lisbôa classificou-os de "imperfeitos e apenas começados".

Pouco tempo funcionaram esses engenhos, sendo radicalmente destruidos pelo exercito do general o almirante hollandez João Cornelles Lichthart, ao aportar com sua frota, composta de 18 naves e 2000 soldados. Posteriormente, foram restaurados pelos portuguezes, que expulsaram os hollandezes do Maranhão.

Foram remodelados, apesar da odiosa e iniqua restricção contida na Provisão Régia de 3 de novembro de 1681 vedando formalmente o levantamento de "engenhos da açucar pela terra dentro, á distancia menor de meia legua uns dos outros, visto que da sua demasiada visinhança resultava a escassez de lenha para o seu fabrico".

Em 1692, era notoria "a pobreza da cidade (São Luiz), em cujas cercanias havia, unicamente, alguns molinetes, que "davam más aguardentes e pouquissimo açucar".

Determinações iniquas da Metropole, que cada vez, com maior brutalidade, manietava o progresso da capitania, originaram a providencia antipathica, consubstanciada na Carta Régia de 18 de Setembro de 1706, prohibindo taxativamente o funcionamento dos "molinetees de aguardente de canna".

Não obstante, porém, o vexame a que submettia o Maranhão, a Metropole não se cançava nem tampouco se fartava de criar empregos para encarapitar nelles, os seus apaniguados. Assim é, que em 1751 "nomeou 3 inspectores para o açucar, servindo pelo espaço de 1 anno".

Funcionavam em 1722, nos arredores do Mearim, tres engenhos abandonados pelos proprios donos, "com medo da braveza dos indios, agrilhoados aos jesuitas, os quaes se entregavam a essa industria agricola".

Um desses proprietarios foi João Bekemann, portuguez, nascido em Lisbôa, filho de allemão e mãe lusitana, que, na frase de João Francisco Lisbôa, ajuntou "cabedal sufficiente para levantar um engenho".

Os portuguezes lançavam mão de todos os meios e processos para impedir o desenvolvimento industrial do açucar no Maranhão. Gravavam a producção com tributos exorbitantes, que o povo não podia satisfazer.

Elles tinham a volupia do despotismo; este, se foi, de tal fórma, excedendo que os maranhenses, desamparados e desesperados, appellaram, numa tentativa que não foi de todo infructifera.

Num movimento de bom senso, o monarcha lusitano se "amerceou dos agricultores", isentando, pela Provisão de 21 de Abril de 1688, "pelo periodo de 6 annos, da execução por dividas, essas propriedades agricolas".

Rareavam, por outro lado, os "operarios traquejados" na fabricação do açucar, circumstancia que chegou ao conhecimento do Rei, que, na Carta Régia de 16 de Março de 1689, tomava providencias "sobre a avaréza de mestres habilitados".

Escasseavam os cannaviaes. Transcorridos, porém, quasi 100 annos, o senador Joaquim Franco de Sá, Presidente da Provincia, em 1846, "inoculou-lhes uma certa vida".

Espalharam-se os engenhos, alguns movidos a vapor.

A Companhia Progresso Industrial montou em 31 de Dezembro de 1876, o engenho central de Pindaré, dispendendo na sua installação 500 contos de réis. Era considerado um dos melhores do paiz. Era presidente da empresa o Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro.

Esse engenho trabalhou até 1905, tendo produzido um longo periodo fabricado 22.680.062 kilos de açúcar no valor mercantil de 7.192.595\$380. Fabricou tambem 4.209.927 litros de cachaça, pagando de impostos, fretes e seguros a vultosa quantia de 1.712:122\$628.

A margem do lago Jacarehi Grande, na vila de Monção, fundou-se a Usina Castello, de propriedade do Dr. João Antonio Coqueiro, que considerava "a fabricação do açúcar uma operação química das mais delicadas", accentuando ainda que, "com os recursos que a sciencia facilita, só deixará de produzir-o de primeira qualidade, quem fôr de todo surdo á voz do progresso".

Em artigo de doutrinação, publicado em 1883, no "O Paiz", salientava o Dr. Coqueiro não haver, no Maranhão, um só engenho que merecesse o nome de fabrica!

No municipio de Guimarães installou-se a usina **Pericumã**, "constituída por varias fazendas com a superficie de 8.496 hectares".

Em 1907 recebeu essa usina aparelhagem moderna, adquirida nos Estados Unidos por 24.000 dollars. Trabalhou durante 10 safras, ininterruptamente.

O agronomo Alfredo Bena organizou, em 1922, uma estatística, arrolando em todo o Maranhão 371 engenhos, grandes e pequenos, destacando-se tres de aparelhamento superior a 100 contos de réis, com um capital de 7000 contos.

Veja-se, agora, a estatística do Instituto do Açúcar e do Alcool, que fornece dados rigorosa-

mente sobre o Maranhão. Em 1935 existiam 5 usinas com turbinas e vapor, 12 apertas com turbinas e 80 engalhões, num total de 970 unidades (Anuario Açucareiro 1935 - pagina 12).

A produção do açúcar maranhense, no decennio 1925-26 - 1934-35 - foi de 69.500 saccos com 4.197.360 kilos.

Nas pesquisas a que me ative, encontrei apenas as referencias e noticias enumeradas nestas literas notas á margem do empolgante thema.

No seu erudicto trabalho sobre o açúcar, exarado na edição de 1935, do "Anuario Açucareiro", o sr. Pedro Calmon não allude ao Maranhão. O meu joven professor Gileno De Carli no seu admiravel estudo sobre o açúcar, no referido "Anuario", edição de 1936, tambem não menciona o Maranhão.

O escriptor Fran Pacheco, na sua volumosa Geografia do Maranhão, dedica algumas paginas á canna de açúcar e a este. Nada mais, além de estatísticas que divulga, sem conexão de qualquer especie.

A canna tem merecido louvores e criticas de escriptores de fama. Auguste Saint Hilaire pergunta na sua instructiva "Viagem ao Brasil", "se já foi levantada uma estatua a Martim Affonso de Souza, o introductor da canna de açúcar no Brasil"? E, monsenhor Pizarro, adverte nas "Memorias historicas do Rio" que, reinando "o venturoso D. Manoel, transplantou aquelle arbusto para cá. Prosperou logo. Mas uma ordem régia mandou arrancar-o, comminando a feroz pena de morte aos que a cultivassem".

RECIFE •

SERRA GRANDE
ALAGOAS

• MACEIÓ

USINA SERRA GRANDE S/A

ASSUCAR

TODOS OS TIPOS

"USGA"

O COMBUSTIVEL NACIONAL

A COMPRA DA REFINARIA DA CIA. USINAS NACIONAES

Proseguem as negociações, de parte de usineiros de alguns Estados, para a aquisição da grande refinaria de açúcar, instalada nesta capital, de propriedade da Cia. Usinas Nacionaes.

As negociações foram iniciadas pelo Sindicato dos Usineiros de Pernambuco e usineiros de Alagoas, aos quaes se juntou o Sindicato dos Industriaes do Açúcar e do Alcool de Campos (Estado do Rio de Janeiro). Possivelmente adherirão os usineiros de Sergipe.

Tratando-se de assumpto que interessa ao mesmo tempo aos productores e ao consumidor e, consequentemente ao programma da defesa da produção açucareira, o Instituto do Açúcar e do Alcool interveiu no caso, na qualidade de coordenador das negociações.

Constou ao Sindicato dos Industriaes do Açúcar e do Alcool, de Campos, que os seus collegas desejam excluil-os do negocio. Essa noticia, aliás de todo infundada, deu motivo á correspondencia, que abaixo transcrevemos, entre o Sindicato campista e o Instituto, e que veiu dissipar quaesquer mal-entendidos.

CARTA DO SINDICATO DE CAMPOS

CAMPOS, 27 de julho de 1937. — Exmo. sr. presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool. — Rio de Janeiro.

Em meio aos estudos que este Sindicato vinha fazendo com os seus associados, da proposta que lhe foi remetida para compra — pelos usineiros — das acções da Cia. Usinas Nacionaes, chega-lhe a noticia de ter ficado resolvido o afastamento dos productores fluminenses, daquella operação, sob o pretexto de serem elles in-

fenso a quaesquer accommodações com os companheiros de outras regiões açucareiras.

Embora tudo indique a nenhuma responsabilidade dessa noticia, cumpre a este Sindicato o dever de dirigir-se a v. ex., afim de, resalvando os direitos e interesses dos seus associados, declarar o seguinte:

a) — O Sindicato não é contrario á aquisição que se tem em vista;

b) — O Sindicato foi solidario com o representante do Estado do Rio junto ao I.A.A., quando autorizou a referida transacção;

c) — O Sindicato discorda apenas de alguns detalhes da operação e quer muito naturalmente ser ouvido sobre elles, de accordo com o seu incontestavel direito, sobretudo quando ha alguns desses detalhes que parecem collidir com os preceitos legais estabelecidos no dec. n. 22.789, de 1º de junho de 1933.

Isto posto e com a maior satisfação, creia, de v. ex., admos., amos e obros. — (ass.) *Julio Jorge Nogueira*, presidente; Tarcisio Miranda, secretario; Eduardo Brennan, thesoureiro.

RESPOSTA DO INSTITUTO

Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1937. — Ao Sindicato dos Industriaes de Açúcar e do Alcool do Estado do Rio de Janeiro.

Srs. presidente e directores. — Temos o prazer de accusar o recebimento do officio de 27 de julho ultimo, desse Sindicato, a proposito de sua participação na operação de compra de acções da Cia. Usinas Nacionaes, entabouladas entre os respectivos portadores e os productores de açúcar dos Estados de Pernambuco e Alagoas.

ACTICARBONE

CARVÃO ACTIVO

O melhor para a descoloração e refinação do

Assucar

instalações para a recuperação do Alcool e Gaz Carbonico pelo carvão activo e processos do

Groupe

ACTICARBONE S/A, PARIS

ROBERT CASTIER, C. Postal 329, S. PAULO

Representante exclusivo para o Brasil

Em resposta, cabe-nos informar que, apesar de não ser o Instituto do Açúcar e do Alcool parte directamente interessada na operação, temos sciencia de que os productores dos dois Estados, de fôrma alguma, excluíram a hypothese da participação dos productores fluminenses do negocio em apreço, admittindo-os tambem o Instituto, com satisfação, na participação do financiamento a seu cargo.

A proposito da bôa intenção dos productores de Pernambuco e Alagôas, tomamos a liberdade de pedir a attenção de vv. ss. para a carta dirigida ao Sindicato dos Industriaes do Açúcar e do Alcool do Estado do Rio de Janeiro, em 18 de junho ultimo, subscripta pelo advogado dr. Bartholomeu Anacleto.

Ainda sobre o mesmo assumpto, com prazer, transcrevemos um trecho da proposta apresentada pelos representantes dos productores de Pernambuco e Alagôas, respectivamente, dr. Baptista da Silva e dr. Alfredo de Maya, á Commissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Alcool, em sua sessão de 4 de corrente mez, ao se discutir o assumpto em fóco:

“..... Estamos certos de realisar um negocio que entende directa e principalmente com a producção, em particular no interesse das zonas productoras, que vivem de exportação. Já

declaramos que admittimos a associação dos productores de Campos e Sergipe nesse negocio e o fizemos por escripto aos primeiros; realizado o negocio, ainda os admittimos, desde que esses productores desde logo isso deliborem.”

Em face do exposto, verificarão vv. ss. que não houve qualquer resolução relativa ao afastamento dos productores fluminenses do negocio, por parte dos productores de Pernambuco e Alagôas; ao contrario, se interessam elles pela participação dos productores fluminenses e, nesse sentido, estão elles dispostos a reencetar com esse Sindicato as necessarias negociações.

Antes de finalizar o presente, pedimos, no interesse deste Instituto, positivarem vv. ss. os detalhes da operação que se lhes afiguram collidir com os preceitos legais estabelecidos no decreto 22.789, de 16/9/33, conforme consta do item e do officio sob resposta.

A proposito do caso, podemos affirmar que foram préviamente examinadas pelo nosso Consultor Juridico todas as condições da operação em apreço, dando-lhe o mesmo parecer inteiramente favoravel. — Apresentamos as nossas mais attentiosas Saudações. — (a.) *Julio Reis*, gerente.

AÇUCAR DE PALMA

Como se sabe, a quasi totalidade do açúcar consumido no mundo é extrahido da canna de açúcar e da beterraba. Mas, em pequenas quantidades, fabrica-se o açúcar tambem com outras materias-primas, como o bôrdo (“*Acer saccharinus*”) no Canadá e no norte dos Estados Unidos, e de varias palmeiras, na India.

No Cambojge utiliza-se, em escala apreciavel, uma palmeira, a “*Borassus flabeliformis*”, da qual existem, no paiz, cerca de 400,000 pés. Dessa palmeira fabricam os cambogeanos mais de 7,000 toneladas de açúcar por anno, em fôrma de pães escuros ou em fôrma de melão.

Esse producto — o açúcar de palma — é consumido no paiz, sendo parte delle utilizada nas distillarias, tal qual se faz com o açúcar de canna, que o Cambojge tambem produz.

A CALEIFICAÇÃO DO SOLO

A. J. Watts

Estudos sobre a relação entre os ataques do "omaspes" (*frog-hopper*) e sobre a composição do solo, especialmente sobre a sua reacção acida, provocaram na ilha de Trinidad, Antilhas Inglesas, a adubação com cal em larga escala. Mas, pesquisas feitas a respeito, demonstraram que ha perigo na sua applicação indiscriminada.

Em "Tropical Agriculture", 1935, paginas 362, 292 e 320, descreve P. E. Turner o resultado de suas pesquisas sobre o assumpto, dividindo o seu memorial em duas partes, tratando, na primeira, dos efeitos geraes da applicação da pedra calcarea e, na segunda, da acção reciproca da cal e do nitrogenio, do fosfato, da potassa e do estrume de curral.

Turner admite a conclusão prévia de que, onde o damno do "frog hopper" era severo, o augmento da producção mais que compensava a despesa e que todo o effeito residual (sobre as safras futuras) constituía lucro; porém que, onde a praga não causava damno ás canuas, o rendimento de duas safras era insufficiente para cobrir a despesa e que a caleificação, na metade do exigido pela analise, era financeiramente, no todo, mais lucrativa que a caleificação total; que a caleificação em excesso — a supercaleificação — em presença do nitrogenio pôde causar notavel queda no rendimento cultural; e que a pedra calcarea pulverizada é superior, em effeito, á cal extincta nos solos argilosos.

Os principaes problemas discutidos foram: o tempo necessario para que a calcificação, no ponto preciso e na ausencia de praga, seja compensadora; qual o prazo a que se estende o beneficio, o effeito da qualidade da cal e do tempo.

Foram examinados tres tipos de terra. (1) barro de um terreno que outrora era um pantano; (2) barro vermelho muito pesado; (3) terra argilosa degenerada. As conclusões são baseadas sobre uma série de tres safras e uma determinação do estado calcareo depois da safra de resóca, isto é, quatro annos após a applicação da cal.

Constatou-se que no solo (1) uma adubação de 25 kilos de pedra calcarea, finalmente pulverizada por hectare, deu o au-

gmento de 48,75 toneladas por hectare, compensando a despesa, sem deixar qualquer indicio de diminuição do effeito; no sólo (2) a adubação com pedra calcarea, grosseiramente dividida, na base de 25, 50 e 75 toneladas por hectare produziu o augmento de 32,5 toneladas, o que não compensava a despesa; o maior augmento foi nas plantas e é attribuido á natureza da pedra calcarea; e, finalmente, no solo (3), a adubação na base de 20,40 e 60 toneladas por hectare de pedra calcarea grosseira provocou o augmento de 25 toneladas nas plantas, augmentando nas safras seguintes.

Foi empregada a determinação do pH para conhecer-se a acção reciproca da cal e do solo.

As experiencias da segunda parte referem-se a duas qualidades de terra, um barro de terreno pantanoso e o outro de um terreno argiloso degenerado e foram feitas numa série de tres safras, plantas e sócas. O maior interesse reside na acção reciproca entre a cal e o nitrogeneo, o fosforo e a potassa.

A primeira acção, qualificada de primeira ordem, é a que se dá entre a cal e o nitrogeneo. O augmento de rendimento, seja em cal, seja em sulfato de ammoniaco, pôde ser bastante prejudicado pela presença de dois outros fortes adubos. O rendimento crescente observa-se até o ponto em que é satisfeita a necessidade de calcareo; acima desse ponto fica estacionario. Caso, porém, esteja presente o sulfato de ammoniaco, taes applicações copiosas podem occasionar a diminuição de rendimento. Mas em solo beneficiado com a cal, o rendimento segue a lei dos rendimentos minguentes com applicações crescentes de sulfato, podendo diminuir notavelmente nos solos de natureza calcarea.

As principaes reacções de segunda ordem são as seguintes:

A diminuição dos efeitos beneficos da pedra calcarea em presença do sulfato de ammoniaco pôde ser neutralizada pelo fosfato, rapidamente assimilavel e semelhante adubação é essencial para a manutenção dos rendimentos. A potassa não produz os mesmos efeitos. Onde, porém, a potassa é deficiente, a sua applicação augmentará o ren-

A Argentina pretende instituir um regimen açucareiro

Por decreto do Poder Executivo, foi criada, na Republica Argentina, uma comissão encarregada de propôr as bases de um projecto de lei, a ser apresentado opportunamente ao Poder Legislativo, sobre o regimen da industria açucareira.

Nos considerandos desse decreto se accentua a importancia alcançada pela industria açucareira argentina, a qual requer um regimen nacional, que coordene, aperfeiçõe e estabeleça os principios economicos a que está submettida.

Diz-se, ainda, nos considerandos, que os productos basicos da economia do paiz, como os cereaes, a carne, o algodão, o vinho e o matte se acham regulamentados pelas leis nacionaes. Como outra grande fonte de riqueza nacional, o açucar deverá ser submettido a um regimen federal. Serão considerados como factores ligados á industria o plantador de canna, o operario, o trabalhador subsidiario e o industrial. O Estado deverá incorporar todos esses factores numa politica nacional e num regimen economico geral, dando soluções permanentes a essa industria para o melhoramento economico, moral e social daquelles que a alimentam.

Compõem a Comissão os presidentes dos Centros Açucareiros e um representante do Banco de la Nacion, representantes dos plantadores de canna e peritos em assumptos economicos relacionados com a industria do açucar.

dimento, contanto que o fosfato seja sufficiente. Esse effeito parece maior quando é presente excesso de cal.

Mais complicadas acções reciprocas envolvem estas adubações. O effeito do fosfato depende da quantidade do nitrogeneo e da cal, que se applicam ao mesmo tempo. Applicações de cerca de 9 kilos de acido fosforico podem produzir notaveis beneficios em solos mais acidos e nos que tenham recebido doses maximas de cal em presença de potassa basica e de nitrogeneo em altas doses; mas, em identicas condições basicas, em solos em estado intermediario de calcificação, o fosfato póde não dar augmento de rendimento.

Quanto ao estrume de curral, a "testemunha" indica que a safra de planta aproveita a potassa e não o calcio. Como no caso do nitrogeneo, o beneficio, seja da cal, seja do estrume, póde soffrer uma redução notavel pela applicação do outro e essa redução depende da quantidade da adubação com pedra calcarea. Assim, com o nitro-

A Industria do Alcool na Irlanda

O Estado Livre da Irlanda, que ha poucos annos creou a sua industria açucareira, acaba de lançar as bases de sua industria do alcool.

Em edição de 16 de julho ultimo, "The Irish Press", de Dublin, consagra um longo artigo a nova industria irlandeza.

Foram montadas no paiz cinco grandes distillarias com a capacidade total de producao de um milhão de galloes, ou seja 451 milhões de litros de alcool por safra.

Essa consideravel quantidade de alcool destina-se a varios fins industriaes, como solvente e materia prima para a fabricação de vernizes, medicamentos, tintas, explosivos e, sobretudo, a ser misturada com a gazolina para fins carburantes. E o governo irlandez, fomentando activamente a industria do alcool tem ainda em mira dar saida a productos agricolas locais e ao mesmo tempo diminuir a saida de ouro para a aquisição, no estrangeiro, de productos que podem ser fabricados com o alcool nacional.

Registrando a noticia, "The Irish Press" recorda que a produção de alcool absoluta em larga escala é uma conquista modernissima, pois até 1923 so nos laboratorios e a preços altos se produziam pequenas quantidades desse tipo de alcool. E foi um irlandez, o professor Sydney Young, de Dublin, quem decobriu o processo azeotropico, hoje empregado em toda parte a fabricação do alcool anhidro em grande proporção e a preços economicos.

geneo, pequenas applicações de fosfato, rapidamente aproveitavel, diminuirão o prejuizo.

Esses resultados são de grande importancia pratica. Entre 1928 e 1934 as importações de sulfato de ammoniaco augmentaram 700 %, sendo costume applicar cerca de 130 kilos por hectare. A pedra calcarea, que antes era empregada excepcionalmente, applica-se rotineiramente desde 1928 a todos os solos acidos, antes de cada replanta. Alguns solos têm-se tornado alcalinos com o carbonato de calcio livre. Recommenda-se uma applicação de fosfato rapidamente assimilavel ás cannas de planta em solos calcificados.

Em extensos terrenos de natureza calcarea o problema é diferente. O augmento depende da profundidade do solo sobre a marga calcarea. Onde o solo é raso e, consequentemente, o rendimento é pequeno, apresenta-se um problema economico difficil, cuja solução póde ser a adubação fosfatada. Taes areas são extensas em Trinidad.

COMISSÃO DE VENDAS DOS USINEIROS DE ALAGOAS

Na reunião de julho findo que realizaram os membros da Comissão de Vendas de Alagôas, o sr. Alfredo de Maya, presidente dessa entidade, leu extenso e minucioso relatório sobre as actividades da Comissão no período da última safra.

Nesse trabalho, depois dum historico dos factos occorridos durante a estiagem de outubro do anno passado, o relator abordou a parte referente á limitação da produção, mostrando que a mesma deu a Alagôas um total de 1.321.154 saccos e que as usinas produziram, apenas, 660.733 saccos, sendo 393.071 de cristal; 82.572 de grã-fina; e 185.093 de demerara.

Pelo que diz o relatório, houve um decrescimento de 50 % na produção do anno em relação á limitação e 37,48 % em relação á safra anterior. Verificou-se, ainda, que a média geral dos preços para o açúcar vendido pela Comissão de Vendas dos Usineiros attingiu a 46\$497 por sacco de açúcar cristal e 37\$497 para o demerara, inclusive as vendas da safra anterior.

Do mesmo documento lido pelo sr. Alfredo de Maya constam as compensações em dinheiro, num total de 2.546:171\$700, concedidas pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, para a cobertura dos prejuizos verificados na exportação do açúcar para o exterior no correr da safra de 1935-36. Ha referencia tambem ao emprestimo de 600 contos feito pelo Instituto aos usineiros, sem pagamento de juros, mediante um resgate de 500 réis por sacco fabricado em cada usina, o partir da safra proxima.

De accordo com o mesmo documento soube-se que as vendas de açúcar na praça attingiram a 608.202 saccos de todos os tipos, a partir de 16 de maio de 1936; assim como as vendas feitas renderam um total de 26.834:727\$200. Para os centros de consumo nacionaes foram exportados 731.679 saccos de todos os tipos e tambem de grã-fina e refinado. Para o consumo local e para manipulação de somenos foram vendidos 270.447 saccos.

O relatório informa que a receita da Comissão de Vendas de Usineiros de Alagôas chegou a um total de 659:070\$100, para uma despesa de 383:014\$500, resultando um saldo de réis . . . 276:060\$300, inclusive o saldo da conta "recebimentos e pagamentos eventuaes" e saldo de contas correntes "Diversas".

Depois da leitura, foi o relatório submettido á aprovação dos usineiros, sendo unanimemente aprovado.

Em seguida, os usineiros de Alagôas resolveram prorogar a existencia da Comissão de Vendas até á sua organização em sindicato, de accordo com as leis do paiz, em virtude do decreto do governo do Estado que suspendeu as attribuições da mesma comissão referentes ao controle da exportação do açúcar, para a defeso dos preços.

A British Sugar Corporation distribue dividendos

As 15 companhias açucareiras que existiam na Inglaterra, e que exploravam 18 usinas de açúcar, amalgamaram-se o anno passado. Toda a industria do açúcar ficou, assim, representada por uma entidade unica, sob a razão social de British Sugar Corporation Ltd.

A Corporation adquiriu o activo das 15 companhias extinctas em troca de um milhão de libras esterlinas em ações liberaas de 1 libra cada uma. E, para capital de movimento, emittiu "debentures" no valor de £ 750.000 rendendo os juros de dois e meio por cento.

O balanço da Corporation accusou, para o anno commercial findo em março ultimo, o lucro bruto de £ 1.245.143.

Deduzidas todas as despesas, inclusive £ 300.000 de imposto sobre a renda £ 240.000 a titulo de depreciação, 2,1/2 % de juros das "debentures" e depois de destinadas as verbas de £ 50.000 para o fundo de aposentadoria dos funcionarios, £ 86.000 para um fundo de reserva para eventualidades e £ 187.500 para um fundo de reserva para igualização de dividendos, ficou o saldo liquido de £ 231.570.

Dessa importancia foram retiradas. . . . £ 150.000 para serem distribuidos entre os accionistas a titulo de dividendo, á razão de 4%, ficando com o Corporation o saldo restante de £ 81.570.

A produção açucareira da Inglaterra, que hoje acha-se em poder de uma companhia unica, orça por 500 a 600 mil toneladas annuaes. A materia prima utilizada é a beterraba.

TOLEDO

SEM MOLAS

PESO EXACTO



As Balanças "TOLEDO" são as mais perfeitas, mais exactas e mais elegantes que se fabricam no mundo.

As Balanças "TOLEDO", devido a sua construção especial são além de hygienicas, sempre limpas e inalteraveis.

O funcionamento e construção perfeita da balança "TOLEDO" a põe completamente livre de qualquer comparação, pois está acima de tudo o que tem apparecido até agora.

TOLEDO SCALE COMPANY, TOLEDO - OHIO

REPRESENTANTES
PARA TODO O BRASIL:

HERM. STOLTZ & Co.

AV. RIO BRANCO, 66/74
TEL. 24-6121 — CAIXA, 200

RIO DE JANEIRO

LES USINES DE MELLE

SOCIÉTÉ ANONYME AU CAPITAL DE FR. 17.000.000

Anciennement: DISTILLERIES des DEUX--SEVRES
MELLE (Deux-Sevres) FRANCE

Processos de deshidratação e fabricação
directa do alcool absoluto

PROCESSOS AZEOTROPICOS

Numero total de aparelhos

em serviço — 171

Capacidade de Produccão diaria em alcool
absoluto mais de 36.000.000 de litros

Produccão effectiva annual de alcool abso-
luto no mundo pelos Processos Azeotropicos
das Usines de Melle — mais de 550.000.000
de litros

Para todas as informações dirija-se a GEORGES P. PIERLOT

Praça Mauá, 7, Sala 1314 - (Ed. d' "A NOITE") RIO DE JANEIRO - Telefone 23-4894 - Caixa Postal 2984

LES USINES DE MELLE

SOCIÉTÉ ANONYME AU CAPITAL DE FR\$ 17 000 000

Anciennement: DISTILLERIES des DEUX -- SEVRES
MELLE (Deux-Sevres) - FRANCE

Processos de desidratação e fabricação directa do alcool absoluto

INSTALAÇÕES REALIZADAS NO BRASIL:

ESTADO DA PARAHIBA DO NORTE:

	Luros
Lisboa & Cia. — em funcionamento — Apparelho novo — 2ª technica — Constructor: Est. Skoda	10.000

ESTADO DE PERNAMBUCO:

Usina Catende — Apparelho novo — 4ª technica — em funcionamento; constructor: Est. Barbet	30.000
---	--------

Usina Santa Theresinha — Apparelho novo — 4ª technica — em funcio- namento; constructor: Estabele- cimentos Skoda	30.000
--	--------

Usina Timbó — Apparelho novo — 4ª technica — em funcionamento; constructor: Est. Barbet	5.000
---	-------

Usina Cucaú — Apparelho novo — 4ª technica — em construcção pelos Est. Skoda	20.000
--	--------

Distillaria Central do Cabo — Apparelho novo — 4ª technica — em cons- trucção pelos Est. Skoda	60.000
--	--------

ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

Distillaria Central de Campos — 2 appa- relhos mixtos — 2ª e 4ª technica — em montagem pelos Est. Barbet	60.000
--	--------

Conceição de Macabú — em funciona- mento — Apparelho Barbet trans- formado em 2ª technica pelos mes- mos Estabelecimentos	9.000
--	-------

224.000

	Litros
Cia. Usina do Outcuro — em funciona- mento — Apparelho Sistema Guil- laume, transf. em 4ª technica — Constructor: Barbet	5.000

Usina do Queimado — em funciona- mento — Apparelho Barbet trans- formado em 4ª technica — Cons- tructor: Barbet	6.000
--	-------

Usina Santa Cruz — Apparelho sistema Barbet, transf. pelos Est. Skoda, em funcionamento	12.000
---	--------

Usina São José — Apparelho novo — 4ª technica — em montagem; constructor: Skoda	20.000
---	--------

ESTADO DE ALAGOAS:

Usina Brasileiro — Apparelho novo — 4ª technica — em construcção pelos Estabelecimentos Barbet	15.000
--	--------

ESTADO DE SÃO PAULO:

Usina Amalia — Fr. Matarazzo Jr. — Rectificador Barbet, transformado em 4ª technica pelos Estabeleci- mentos Barbet — em construcção	10.000
---	--------

Usinas Junqueira — Apparelho de Dis- tillação — Rectificação continua, transformado em 4ª technica pelos Estabelecimentos Skoda	20.000
--	--------

88.000

Total geral das instalações: 312.000 litros

Para todas as informações dirija-se: GEORGES P. PIERLOT

Praça Mauá, 7, - Saia 1314 - (Ed. d' "A NOITE") - RIO DE JANEIRO - Telephone 23.4894 - Caixa Postal 2984

O MOSAICO DA CANNA DE AÇUCAR

Pelo professor Carlos E. CHARDON

(Traduzido de "Agricultura" de Bogotá)

Nome e distribuição geográfica — O "mosaico" da canna de açúcar é conhecido na ilha de Java desde o anno de 1890. Seu paiz de origem ainda não foi determinado, mas é possível que seja proveniente de algumas hervas silvestres da Nova Guiné ou das ilhas adjacentes. A aparição em Java não chamou attenção, a principio, sendo considerado como um mal fisiologico ou um *spot* de pouca importancia. E assim descurado permaneceu, até que os hollandezes se deram conta dos seus estragos e iniciaram estudos geneticos com o objectivo de conseguir cannas resistentes ou immunes á enfermidade. Em Java era conhecida a doença com o nome de "Gelestrepenziekte", que quer dizer: enfermidade de raias amarellas. O nome de "mosaico" vem do allemão "mosaikkrankheiten", applicado, pela primeira vez, ao "mosaico" do tabaco. Na America, o "mosaico" da canna de açúcar localizou-se inicialmente em Porto Rico, em 1915, onde surgiu, causando estragos consideraveis, no valle de Arecibo e, depois, em quasi todas as regiões cannavieiras da ilha. A seguir foi identificado em Cuba, São Domingos, Haiti, Jamaica, Trinidad e outras Antilhas Inglezas, Brasil, Argentina (Provincia de Tucuman), Perú, Venezuela, America Central, Estados Unidos (Luiziana), Hawaii, Filipinas Australia (Queensland), India, Mauricio e ilhas Reunião, Natal e Africa do Sul. O unico paiz açucareiro do mundo onde não se conhecia o "mosaico" era a Colombia.

Síntomas e descrição da enfermidade — O symptoma mais notavel e evidente do "mosaico", pelo qual facilmente é identificado, consiste num matizado amarelo, peculiar ás folhas. Trata-se, aliás, de affecção inteiramente distincta da verdadeira chlorose da canna. Na enfermidade em questão, as folhas se vêm salpicadas ou matizadas com pequenas listas amarellas que contrastam com o verde escuro dos tecidos da folha normal. Uma vez familiarizado alguém com este symptoma, facil lhe é reconhecer a presença da enfermidade e determinar o diagnostico. Os colmos, a principio, não mostram nenhum symptoma anormal, mas, com o tempo, podem-se no-

tar nos mesmos ligeiras raias brancas e tambem um desenvolvimento anormal dos entre-nós, isto é, apparece certo rachitismo na canna, rachitismo esse que se vae accentuando, até que, no segundo ou terceiro anno de infecção, os entre-nós se vêm cobertos de raias brancas e se reduzem bastante. A isso denomina-se de estado canceroso do "mosaico". Em Porto Rico chama-se vulgarmente "mordida de la perra". Se bem que o diagnostico definitivo do "mosaico" possa ser feito examinando as folhas, não é igualmente facil diagnosticalo nos colmos, pois nos casos de infecção recente estes não demonstram qualquer anormalidade de crescimento.

Natureza e transmissão do "mosaico" — Etiologicamente, o "mosaico" é produzido por um virus filtravel, isto é, por um organismo ultramicroscopico. Os microscopios mais aperfeiçoados não puderam ainda localizar microbio algum em conexão com a enfermidade. Existem outras muitas enfermidades de plantas produzidas por virus filtraveis e na especie humana e nos animaes se conhecem varias, taes como o "trachoma" das crianças, a "varicella" humana e das aves, a "hidrofobia", etc..

A enfermidade é infecciosa, pois, por meio de inoculações artificiaes, pode-se injectar summos de plantas doentes em plantas sãs e infectar estas com o "mosaico". A enfermidade, ao contrario de muitas theorias já abandonadas, *não está no terreno*. De sorte que toda idéa de que o "mosaico" provem de terras fatigadas, deficientes em mineraes, etc., deve ser afastada por parte dos agricultores.

O "mosaico" transmite-se de duas maneiras, a saber:

1.^a — *Por infecção primaria* — Colmos de plantas enfermas quasi invariavelmente produzem plantas com "mosaico", por ser hereditaria a enfermidade.

2.^a — *Por infecção secundaria* — No anno de 1922 o dr. Kunkel, em Hawaii, a senhorita Wilbrinck, em Java, e o autor, em Porto Rico, descobriram que o "mosaico" se transmite de plantas enfermas a plantas sãs por meio do pulgão do milho,

o *Aphis Maidis*. Este é um pequeno insecto que communmente se encontra sobre milho e outras hervas vulgares nos canaviaes e que em determinadas condições passa para a canna e ao chupar, nas folhas de cannas doentes, leva consigo o virus infeccioso e pica outras cannas sãs, innoculando-as e produzindo a enfermidade.

Prejuizos causados pelo "mosaico" — O "mosaico" tem causado prejuizos enormes em quasi todos os paizes por elle visitados. Em Porto Rico poz em perigo toda a industria açucareira da região norte e oeste da ilha, occasionando em poucos annos um damno que foi calculado em dois e meio milhões de dollares. A produçãõ baixou a uns trinta ou quarenta por cento do normal e os industriaes tiveram de recorrer á canna "Ubá" ou "Japoneza", por ser immune, ainda que de rendimento muito inferior.

Na Argentina (Provincia de Tucuman), o "mosaico" tambem poz em perigo a industria açucareira local. Na Luiziana (Estados Unidos), a produçãõ desceu em poucos annos de 200 mil toneladas a 47 mil e o Departamento de Agricultura Americano estima os prejuizos soffridos em cerca de 10 milhões de dollares ouro. Identicos estragos causou o "mosaico" em Cuba e São Domingos, Hawaii, Java e outros muitos paizes que não vem ao caso enumerar. Prejuizos semelhantes poderá o "mosaico" acarretar á industria açucareira e baguezeira da Colombia, em futuro proximo. A nosso ver, não ha duvida nenhuma de que a infecção já occasionou damnos que se acercam da estimativa de um milhão de pesos, em calculo optimista.

Controle da enfermidade — O controle da enfermidade, de maneira pratica, póde ser levado a cabo por intermedio dos seguintes methodos:

1.º — Pelo arrancamento dos brotos enfermos. Este methodo, ideado por Earle, foi empregado com exito em Porto Rico, naquelles sitios de baixa infecção. Poderia ser empregado aqui, sob condições semelhantes, especialmente nos viveiros de cannas selectas.

2.º — Pelo uso de cannas tolerantes ao "mosaico" (primeira série de Java, P.O.J. 36, P.O.J.105, P.O.J.213 e P.O.J.234). O uso de cannas tolerantes ao "mosaico", isto é de variedades que, apesar de contrairem a enfermidade, não degeneram, foi adoptado extensamente em Tucuman, na

Assegurados os interesses pernambucanos na proxima safra açucareira

O Sindicato dos Usineiros de Pernambuco convidou officialmente o sr. Leonardo Truda, presidente do Instituto de Açúcar e do Alcool, para uma visita ao Estado pernambucano, afin de melhor poder observar a nova orientação seguida pelo mesmo sindicato e tomar as deliberações necessarias para a nova safra.

Atendendo ao convite, o sr. Leonardo Truda telegrafou ao sr. Benjamin Azevedo, presidente do referido Sindicato, nos seguintes termos:

"Acuso recebido o telegramma em que V. S. me transmite attencioso e grato convite para visitar esse Estado e ao qual, por motivo de molestia, somente agora posso dar resposta.

Agradeço desvanecido o convite sobre o qual oportunamente darei soluçãõ definitiva.

Posso assegurar, porém, desde já, que os interesses da produçãõ pernambucana na proxima safra terão decidido amparo e facilidades necessarias para que os produtores possam obter o maximo de beneficio legal pelos esforços de sua operosidade, compensando-os na medida do possivel, dos damnos que a secca passada lhes occasionou.

Perdurando, como acredito que perdurará, a boa orientação que vem presidindo ás actividades dos produtores, a qual lhes permittirá pela venda directa de seus productos, guardar integro o fruto de seus labores, nenhuma difficuldade seria poderá surgir para a defesa da safra, podendo v. s. na direcção do sindicato e bem assim os produtores pernambucanos contar com a minha melhor sympathia e decidido empenho nesse sentido. Cordiaes saudações."

Luiziana e em certas partes de Porto Rico. Este methodo, todavia, não é aconselhavel na Colombia, pois a primeira série de variedades de Java foi superada nos ultimos annos.

3.º — Pelo uso de cannas resistentes ou quasi immune. (Segunda série de Java, P.O.J.2714, P.O.J.2725, P.O.J.2727, P.O.J.2728 e os ultimos cruzamentos de Porto Rico, M-7, M-28, M-42 e F.C.-916).

As variedades de Java da série de 1917 e 1921, acima mencionadas, provaram ser de grande utilidade para a industria açucareira, pela sua alta resistencia e quasi immumidade ao "mosaico". Todas ellas já existem na Colombia e, depois de cuidadosas experiencias e observações, poderá ser determinado quaes são as que mais convem empregar para combater a enfermidade, tomando em conta os demais factores que affectam a industria.

AOS INDUSTRIAES

e commerciantes de alcool

ACABA DE APPARECER UM IMPORTANTE
TRABALHO DO DR ANNIBAL R. DE MATTOS
PROFESSOR CATHEDRATICO DA ESCOLA
DE ENGENHARIA DE PERNAMBUCO E AS-
SISTENTE TECHNICO DO I. A. A., SOBRE

ALCOOMETRIA, ESTEREOMETRIA E ANALISE DO ALCOOL

DESTINADO A PROPORCIONAR ELEMENTOS QUE PER-
MITTAM COM TODA A FACILIDADE IDENTIFICAR
A QUALIDADE DO PRODUCTO DE SUA
FABRICAÇÃO OU COMMERCIO

Preço do exemplar cartonado: 15\$000

A' VENDA NO INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL
RUA GENERAL CAMARA, 19 - 4º ANDAR - SALA II

CAIXA POSTAL 420 — RIO

INSTITUTO DE ECONOMIA SUBVENÇÃO

Ordens de Pagamento 99:598\$474
Vales Emitidos s/Alcool-Motor 90:660\$700
107:447\$445 5.567:529\$603

ARRECADACÃO

Arrecadação S/Taxa S/Excessos Produção Açúcar 3.585:315\$000
Multas 4:884\$500
Taxas S/Açúcar 60.415:703\$846
Taxa S/Açúcar de Engenho 762:226\$120 64.768:129\$466

APPLICAÇÕES

Vendas de Alcool Sem Mistura 5.863:601\$600
Vendas de Alcool-Motor 1.709:060\$680
Vendas de Açúcar 12.750:613\$600 20.323:266\$880

CAUÇÃO

Creditos a N/Disposição 58.477:876\$400
Depositantes de Títulos e Valores 152:953\$000
Outorgantes de Hipotheca 3.500:000\$000
Penhor Mercantil 2.796:000\$000
Títulos e Valores Depositados 2:001\$000 64.927:829\$400

RESERVAS

Juros Suspensos 220:995\$300
Reservas do Alcool-Motor 892:273\$476 1.113:268\$776

CONTAS DE RESULTADO

Bonificação S/Compras de Gasolina 85:052\$500
Sobras e Vasamentos 14:590\$642 99.642\$142
136.800:000\$000

LUCIDIO LEITE
Contador

INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

Balancete em 31 de Julho de 1937

A C T I V O

FUNDOS BANCARIOS

Banco do Brasil — C. Arrecadação 16.130.738\$800
 Banco do Brasil — Crédito Especial 388.359\$600
 Banco do Brasil — C e Juros 101.025\$100
 Banco do Brasil — Depósitos e Juros C Movimento 577.336\$900
 Banco do Brasil — Depósitos e Juros C Taxa e Açúcar de Engenho 850.638\$400

18.457.098\$300

OUTRAS DISPONIBILIDADES

Caixa 133.465\$400
 Caixa de Empréstimos e Funcionários 88.814\$900
 Delegacias Regionais C. Supplimentos 7.823.489\$900

8.045.809\$104

FUNDOS A RECEBER (Estoque açúcar)

Compras de Açúcar C. Retirovenda (Peru, Alag.) 1.799.391\$000
 Compra de Açúcar (Campos) 172.897\$700

1.972.288\$700

DEVEDORES DIVERSOS (A RECEBER)

Adeantamentos para Compras de Alcool 447.039\$280
 Administração de Distillarias 263.155\$600
 Contas Correntes (Saldo Devedores) 11.889.597\$920
 Financiamento de Distillarias 32.496.077\$816

44.896.770\$625

VALORES A RECEBER

Letras a Receber 20.000\$000
 Livros e Boletins Estatísticos 31.923\$820

51.923\$820

RESPONSABILIDADES

Alcool-Motor C. Fabrico 1.590.229\$503
 Compras de Alcool 5.651.458\$100
 Compras de Gazolina 4.241\$275
 Devolução Quózia Sacrificio de Açúcar 1.999.935\$500
 Operações a Termo 741.446\$000

9.987.313\$378

GARANTIAS

Açúcar Cauchoado 1.799.391\$000
 Alcool e Valores Estatísticos 172.897\$700

1.972.288\$700

Títulos e Valores Apenhados

66.728.221\$400

IMMOBILIZAÇÕES

Bibliotheca do Instituto 8.416\$700
 Laboratórios 31.969\$600
 Material de Escripório 140.918\$860
 Móveis e Utensílios 483.344\$700
 Machinismos, Bombas, Accessorios e Instalações 107.675\$200
 Vasilhames e Tambores 847.354\$200
 Vehículos 152.033\$900

1.771.683\$260

DESPESAS (Orçamento)

Aluguéis 54.865\$400
 Despesas Gerais 239.162\$175
 Despesas de Viagem 332.820\$300
 Diárias 189.000\$400
 Estampilhas 3.553\$000
 Gratificações 186.499\$650
 Porte e Telegrammas 13.084\$400
 Revista "Brasil Açucareiro" 43.447\$000
 Serviços Holterth 119.430\$500
 Serviços Medicos e Cirurgicos 4.893\$500
 Vehículos 1.212.501\$650

2.309.247\$975

DESPESAS (Açúcar)

Açúcar C. Despesa 2.319.456\$500
 Comissões 123.469\$950
 Despesas Judiciais 440\$000
 Juros 40.376\$750

2.483.743\$199

156.200.652\$67

P A S S I V O

OBRIGAÇÕES

Açúcar Vendido a Entrega 741.446\$000
 Contas Correntes (Saldo Creditor) 988.503\$914
 Depósitos Especiais 218.365\$470
 Banco do Brasil C. Caução de Açúcar 1.799.391\$000
 Banco do Brasil C. Financiamento 1.522.123\$600
 Instituto de Tecnologia C. Subvenção 29.064\$474
 Ordem de Passamento 90.660\$700
 Valores Emittidos de Alcool-Motor 107.447\$445

5.567.529\$603

ARRECADIAÇÃO

Arrecadação S. Taxa S. Excessos, Produção Açúcar 3.585.315\$060
 Múltiplos 4.884\$300
 Taxas S. Açúcar 60.415.703\$816
 Taxa S. Açúcar de Engenho 762.226\$120

61.768.121\$876

APPLICAÇÕES

Vendas de Alcool Sem Mistura 5.863.601\$600
 Vendas de Alcool-Motor 1.709.067\$680
 Vendas de Açúcar 12.730.618\$600

19.303.287\$880

CAUÇÃO

Crédito a N. Deposição 58.477.875\$400
 Depositantes de Títulos e Valores 152.953\$000
 Outorgantes de Hypotheca 3.500.000\$800
 Prêmio Mercantil 2.798.000\$000
 Títulos e Valores, Dep. Itadas 2.001\$004

64.928.820\$460

RESERVAS

Juros Suspensos 220.865\$300
 Reservas de Alcool-Motor 182.273\$476

1.111.203\$776

CONTAS DE RESULTADO

Bonificação S. Compras de Gazolina 85.032\$500
 Saldo e Vassamentos 14.390\$842

99.423\$342

156.800.652\$67

LUCIDIO LEFF
 Confador

INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

Financiamento a Distillarias

SALDOS DEVEDORES EM 31-7-937

PARTICULARES:

CIA. INDUSTRIAL PAULISTA DE ALCOOL S/A	605:859S000
DIST. DOS PRODUTORES DE PERNAMBUCO S/A (Azulina)	
C/IMMOVEIS	686:464\$650
DIST. DOS PRODUTORES DE PERNAMBUCO S/A (Credito Exo de Rs.: 813:535\$850)	771:558\$500
DIST. DAS PRODUTORES DE PERNAMBUCO S/A (Credito de Rs.: 500:000\$ — C/garantia hipothecaria 3 tanques)	337:043\$800
DIST. DOS PRODUTORES DE PERNAMBUCO S/A (Azulina)	57:818\$600
<hr/>	
DIST. DA USINA SANTA THERESINHA S/A	3.334:041\$600.
USINA CATENDE S/A	2.974:582\$500
USINA CENTRAL BARREIROS	55:000\$000
USINA BRASILEIRA S/A	664:000\$000

9.451:963\$000

DO I. A. A.

DISTILLARIA DE CAMPOS	15.482:946\$500
DISTILLARIA CENTRAL DE PERNAMBUCO	7.323:415\$100
DISTILLARIA DE PONTE NOVA	204:247\$500

23.010:609\$000

32.496:913\$000

TOTAL

**DEBITOS ACIMA QUE SE ACHAM GARANTIDOS POR HIPOTHECAS
A ORDEM DO INSTITUTO**

DIST. DOS PRODUTORES DE PERNAMBUCO S/A (Azulina)	1.500:000\$000
Immoveis e machanismos hipothecados a este Instituto, em garantia da respectiva divida	
DIST. DA USINA SANTA THERESINHA S/A	2.000:000\$000
Immoveis e machanismos hipothecados a este Instituto, em garantia da respectiva divida	
USINA BRASILEIRO S/A	2.796:000\$000
Penhor Mercantil	

6.296:000\$000

5.266:000\$000

TOTAL



INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ALCOOL - ORÇAMENTO PARA 1937

Despesas da Secção de Alcool Motor - Parte Commercial Posição em 31 de Julho de 1937

C o n t a s	Quota mensal p/ despesas	Despesas rea- lizadas em julho	Total das despesas	Média em 7 mezes	Credito anual	Excessos	Saldos	Economizadas
VENCIMENTOS	22:760\$800	20:348\$400	133:697\$000	19:099\$500	273:129\$600		139:432\$800	25:625\$600
GRATIFICAÇÕES	1:150\$250	1:150\$250	8:051\$750	1:150\$250	13:803\$000		5:751\$250	
DESPESAS GERAES:								
Força e Luz	900\$000	101\$400	906\$100	129\$440	10:800\$000		9:893\$900	5:393\$900
Veiculos: combustivel, reparação, peças, accessorios, e materiaes							14:606\$950	2:196\$950
diversos	2:500\$000	2:780\$950	15:305\$050	2:214\$720	30:000\$000			
Despachos e Fretes	833\$333	2:930\$600	23:864\$700	3:409\$200	10:000\$000	13:864\$700		
Seguros: vehiculos e postos	666\$666		9:162\$300	1:308\$900	8:000\$000	1:162\$300		
Propaganda e Publicações	2:500\$000		16:004\$000	2:286\$200	30:000\$000		13:996\$000	
Reparação de vehiculos	416\$666				5:000\$000		5:000\$000	
Reparação de centrifugas	416\$666				5:000\$000		5:000\$000	
Diversas despesas	2:500\$000	1:256\$200	7:673\$400	1:096\$200	30:000\$000		22:325\$600	1:061\$000
Eventuais: para supprimento de creditos e attender a despesas de natureza especial ou não previstas nos itens acima							53:129\$300	0:700\$000
	8:333\$333	2:303\$200	46:572\$700	6:653\$380	100:000\$000			
	42:977\$714	30:873\$000	261:236\$000	37:347\$790	515:732\$600	15:027\$000	260:523\$900	54:904\$000
OBSERVAÇÃO — Saldo acima discriminado 269:523\$600								
Deduz-se: excesso verificado								
nas contas:								
"Despachos e Fretes" 13:864\$700								
"Veiculos e postos" 1:162\$200								
SALDO LIQUIDO 254:496\$300								

LUCIDIO LEITE
Contador



INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL - ORÇAMENTO PARA 1937

Posição em 31 de Julho de 1937

Verba Nº	NATUREZA DA CONTA	Verba para um mez	Despesa de Julho	Despesa de 6 mezes	Total das despesas	Média para 7 mezes	Credito annual	SALDO
1º								
<i>Pessoal</i>								
1	Commissão Executiva	18:625\$000	16:300\$000	67:600\$000	103:900\$000	14:849\$666	223:500\$000	119:600\$000
2	Conselho Consultivo	5:400\$000	1:800\$000	14:100\$000	15:900\$000	2:271\$428	64:800\$000	48:900\$000
3	Séde do Instituto	53:963\$750	47:867\$200	278:050\$360	325:917\$500	46:702\$599	647:565\$000	321:647\$700
4	Secção Technica	19:124\$560	17:971\$500	108:663\$250	126:643\$750	18:081\$463	229:494\$000	102:650\$250
5	Rev. Brasil Açucareiro	3:322\$500	3:095\$500	18:557\$100	21:653\$600	3:093\$379	40:710\$000	19:055\$400
6	Pisc. Tributaria	50:000\$000	56:676\$000	262:717\$100	319:393\$100	45:641\$276	607:200\$000	287:805\$966
7	Deleg. Regionaes	29:900\$000	27:491\$600	137:901\$500	165:396\$100	23:628\$000	358:806\$000	192:460\$700
8	Diarias e Despesas de Transportes	111:116\$565	103:065\$300	418:815\$400	521:880\$700	74:554\$369	1.334:000\$900	314:116\$565
9	Eventuaes	29:160\$666	80:924\$300	97:523\$550	178:447\$900	25:492\$550	350:000\$000	171:160\$666
10	Serviços Hollerith	11:315\$000	10:281\$900	64:723\$600	75:005\$500	10:715\$100	135:750\$000	60:774\$000
2º								
<i>Material</i>								
1	Material Permanente	11:499\$320	8:925\$700	60:920\$000	69:842\$900	9:977\$663	138:000\$000	60:151\$100
2	Material de Consumo	17:000\$000	26:500\$700	75:367\$700	101:868\$400	14:552\$650	204:000\$000	102:131\$000
3	Div. Despesas	43:039\$000	37:600\$200	247:047\$300	284:647\$500	40:663\$970	516:354\$000	231:700\$500
4	Serviços Hollerith	8:050\$000	6:495\$000	37:950\$000	44:425\$000	6:346\$423	96:600\$000	50:170\$000
			441:997\$900	1.909:624\$980	2.354:921\$950	336:574\$390	4.946:862\$000	2.501.981\$000

L U C I D I O L. L. L.
Contador

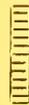




S. A. DOS ANTIGOS **ŠKODA** EM PLZEŇ - PRAHA
ESTA BELECIMENTOS TCHECOSLOVAQUIA

FORNECES
DA SUA PROPRIA FABRICAÇÃO

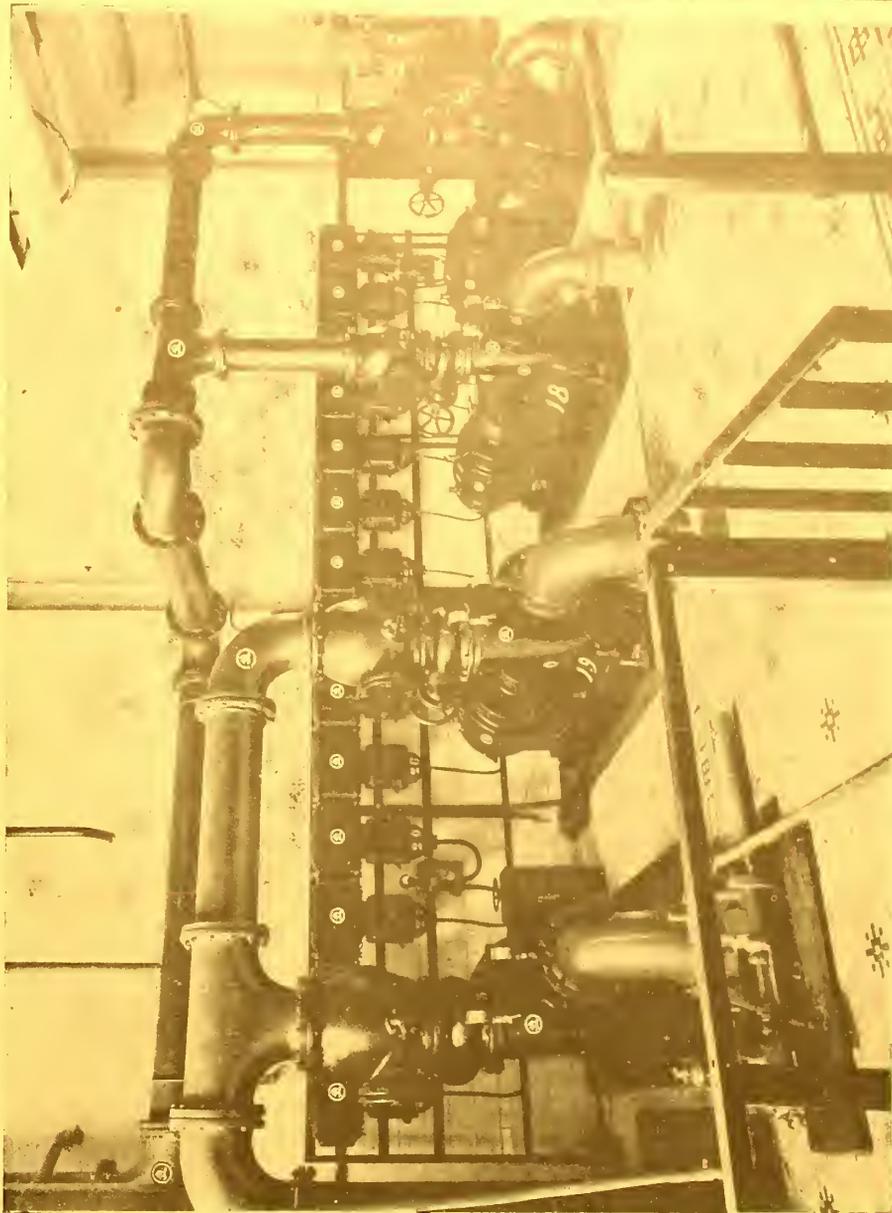
INSTALLAÇÕES COMPLETAS PARA USINAS DE AÇUCAR E REFINARIAS - MACHINAS CORTADEIRAS DE CANNA - MOENDAS DE CANNA - SULFITADORES - EVAPORADORES - APPARELHOS DE VACUO : BOMBAS DE AR - BOMBAS PARA AGUA, LODO, XAROPES, MELAÇO, ETC. - CENTRIFUGAS PARA AÇUCAR - SERRADORES DE AÇUCAR - INSTALLAÇÕES PARA FA BRICAR AÇUCAR "PILE" - CRISTALISADORES - FILTROS - INSTALLAÇÕES DE CALDEIRAS, FORÇA MOTRIZ E ELECTRICAS



REPRESENTANTE :

J. G. BOESCH

C. POSTAL, 2275 - RIO DE JANEIRO



PARTE DAS BOMBAS DE AGUA NA USINA SANTA THERESINHA (PERNAMBUCO)

ESCRITORIO EM SÃO PAULO :

RENE GRAF - C. POSTAL, 1162

ESCRITÓRIO / RECIFE :

W. MAXA - C. POSTAL, 31

NOTAS PARA O ESTUDO DO BANGUÊ EM ALAGOAS

Humberto Bastos

“Data venia”, da “Gazeta de Alagoas”, reproduzimos o artigo que abaixo se lê. Apesar de publicado antes de realizado o Congresso dos Banguzeiros, que se reuniu este anno em Maceió, o trabalho conserva o valor de interessante contribuição para a historia do açúcar. — Nota da Redacção de BRASIL AÇUCAREIRO.

Está tomando relevo entre nós uma questao que ha muito tempo vinha se desenvolvendo maciamente, em surdina: — BANBUÊ X USINA. Agora, porém, o choque já tomou um caracter publico e mais accentuado de lucta. Já foi fundado o Sindicato dos Banguzeiros e Fornecedores de Canna; os jornaes já publicaram innumerias entrevistas e já se encontra em organização um Congresso dos Banguzeiros. (1).

Ahi, então, nesse importante conclave vão ser discutidos os aspectos social e economico do problema: o banguê será remexido, virado e revirado; vae ser discutida a sua contribuição para a economia nordestina e para a formação do que se chamou uma elite social saída da “gleba rural”.

O que convem salientar, antes de tudo, é que o desaparecimento do banguê do commercio industrial do Estado constituiu um verdadeiro desastre, sendo mais um golpe fundo na tradição agricola de nosso povo. Não quero, porém, que fique compreendido aqui um sentimentalismo ridiculo que sacrifique o Progresso em favor da Tradição, da Senhora Tradição, velha caturra e que não admite novidades...

Compreendo é que não pode haver “saltos” na solução puramente industrial de determinado processo de produção. Acabar-se, por exemplo, da noite para o dia, num abrir e fechar de olhos, com o banguê, sem uma prévia providencia de ordem geral no terreno economico, seria deixar á fome quasi a população inteira do “hinterland” alagoano.

Admitto a evolução, mas que ella seja inventada para ficar restringida a determinada classe com prejuizo de uma outra

(1) Realizou-se em Maceió, de 21 a 25 de abril do corrente anno. — Nota da Redacção.

muito maior. No caso, vemos que os banguzeiros são uma grande maioria que ficará prejudicada por uma minoria, ou em linguagem muilo technica, que ficará prejudicada pela centralização crescente dos recursos industriaes.

A historia do Banguê é a nossa historia social.

Sabemos que Alagoas viveu muito tempo ligada a Pernambuco, isso até 1817.

E já em 1526, segundo documentos existentes, Pernambuco exportava açúcar para Lisboa; e apesar de John Mawe declarar quando andou por aqui que o principal artigo era o algodão (... but the chief article of its trade is cotton...) collocando, assim, em segundo logar o açúcar, este producto foi sempre a base da economia do nordeste.

A conquista do territorio alagoano começou ainda na gestão de D. Brites de Albuquerque, ahi por 1560, e em 1730 o territorio contribuia para a grandeza da capitania com 47 engenhos.

Convem notar que se tratava de contribuição tão expressiva, que o então governador de Pernambuco escreveu a El-Rei pedindo a extincção da capitania da Parahiba, apresentando-a como insignificante e salientando que de maior importancia eram outras comarcas annexadas a Pernambuco, “nomeadamente a de Alagoas”.

Vae aqui um trecho da representação:

“Muito maior he a villa das Alagoas, a que estão sujeitas as villas de Penedo e Porto Calvo com dez freguezias, sendo uma dellas curato cujo dizimo anda arrendado com pouca differença em tres contos, oitocentos e trinta e tres mil réis, governadas por cinco capitães-mores da ordenança, EM QUE HA 47 ENGENHOS DE ASSUCAR, distando a cabeça da comarca desta praça sessenta leguas, cada uma de penedo mais de noventa, e nunca foi governada por capitão-mór pago, e ha poucos annos tem ouvidor”.

Naquella data os 47 engenhos produziam bastante, a ponto de chamar a attenção do governador Duarte Coelho.

A USINA PAINEIRAS PASSOU A NOVOS DONOS



Perspectiva de fachada da USINA PAINEIRAS

O Governo do Estado do Espírito Santo transferiu a um sindicato particular a propriedade da conhecida Usina Paineiras, montada em 1914.

Situada a 20 kilometros de Cachoeiro do Itape mirim, servida por uma excellente ferrovia, dista do mar 22 kilometros, apenas, e 16 horas do Rio de Janeiro. A gleba incorporada á Usina abrange cerca

Alagôas se apresentava como valiosa fonte de riqueza aos colonizadores. A historia, pois, do banguê está ligada á nossa historia social. Data, pôde-se dizer, do principio de colonização da terra a sua existencia, como contingente economico em progresso para a consolidação das nossas forças politicas. E a verdade historica está ali: em 1817 Alagôas emancipou-se, mais pelo impeto de uma sociedade que se apresentava de musculos solidos para se mover independentemente de qualquer guia ..

CONTRIBUIÇÃO ECONOMICA DO BANGÊ

Continuando num ritmo animador de progresso, Alagôas em 1853 exportava para o estrangeiro açucar no valor de réis . . . 137:640\$000 e em 1875 o Estado contava com cerca de 600 engenhos. Sómente em 1890 foi fundada a primeira usina. E a verdade é que Alagoas, com os seus engenhos, com alguns escorregos aqui e acolá, sustentou a pisada na produção, sendo até interessante salientar que a instalação da usina não mostra sua influencia nas estatisticas, o que seria de esperar com um augmento significativo de produção. Vejamos:

de 11 mil saccos de cereas fertis, para as mãos de 200 trabalhadores e Moagem de X. etc. com uma notavel reserva florestal estancando cerca de metade da quella area ainda inexplorada. A produçao da usina tem oscillado entre 30 e 20 mil saccos annua.

O sindicato que se formou para administrar a importante fabrica, ao que nos informam trouxe um programma de reorganização racional e b bases modernas, abrangendo todo o aparelhamento industrial inclusive um serviço de colonização nacional e estrangeira. Entre outras coisas, na fabrica serão installadas novas machinas, com cristallizadores, filtros-prensas, defecador, etc., com o objectivo de preparal-a para uma produção maior e melhor. A distillaria que, neste momento, produz cerea de 500 litros diarios de alcool, permittira, com a reforma, a produção, em plena carga, de dez mil litros diarios de alcool anhidro.

Sendo unica em todo o Estado do Espírito Santo, a Usina Paineiras tem um futuro promissor sob a égide de seus novos proprietarios podendo collocar toda a sua produção no territorio capichaba, que consome, annualmente, cerca de 180 mil saccos de açucar. Importando entre 130 e 150 mil saccos de outros Estados.

Annos	Saccos
1883-1884	642.036
1884-1885	522.568
1885-1886	161.758
1886-1887	512.135
1887-1888	659.478
1888-1889	572.945
1889-1890	430.329
1890-1891	559.014
1891-1892	495.508
1892-1893	524.112
1899-1900	492.079
1900-1901	836.597
1901-1902	744.691
1902-1903	475.452
1903-1904	467.710
1904-1905	490.209
1905-1906	681.823
1906-1907	495.412
1907-1908	400.219
1908-1909	581.253
1909-1910	687.950
1910-1911	584.574
1911-1912	607.723
1912-1913	702.989
1913-1914	587.633
1914-1915	735.119
1915-1916	663.935

A INDUSTRIA AÇUCAREIRA PERUANA

DADOS VULGARIZADOS POR "LA PRENSA", DE LIMA, REFERENTES AO ANNO DE 1936

Superfície cultivada de canna de açúcar — Foi de 53.262 hectares, ou seja mais 1.385 hectares em comparação com o anno passado.

Superfície da colheita — Foi feita a colheita em 52.133 hectares, ou seja 1.266 hectares menos que no anno de 1935.

Quantidade de canna beneficiada — Foi de 2.320.727 toneladas metricas, 49.679 toneladas mais que a safra de 1935.

Produção total de açúcar e "chancaca" — Produziram-se, durante o anno, 409.509 toneladas metricas, excedendo o anno anterior em 10.549 toneladas. Pro-

vavelmente a produção de 1937 será menor devido terem-se liquidado tres usinas de açúcar.

Consumo interno de açúcar e "chancaca" — O consumo controlado pela Caixa de Depositos e Consignações, Departamento de Arrecadação, foi de 82.249 toneladas metricas, ou seja 8.818 mais que em 1935.

Exportação de açúcar e "chancaca" — Foram exportadas 326.167 toneladas metricas, no valor de... 25.031.402 "soles" contra 325.544 toneladas com o valor de 25.544.742 "soles". A exportação excedeu o anno anterior em 735 toneladas, diminuindo o valor em 513.340 "soles".

Importação de açúcar — Foi de 466 toneladas metricas com o valor de 84.501 "soles", isto é, 141 toneladas mais que em 1935, excedendo o valor em 28.217 "soles".

Melaço de canna de açúcar — Foram produzidas e

Com esse adeantamento, com esse esforço cada dia mais progressista, Alagôas com os seus engenhos chegou a "liderar" em 1913 a exportação nacional do açúcar, deixando Pernambuco na retaguarda. Em 1917 contavamos com mil engenhos, aproximadamente. Hoje, é significativo saber que o Estado se acha collocado no quarto lugar na lista dos sete Estados maiores productores de açúcar, se elevando em 1935 a venda a 54.098:927\$000. E ninguem mais ignora que talvez dois terços ou mais de nossa produção actual de açúcar sae do banguê. Só mesmo quando as circunstancias mesologicas se alliam ao aperto do circulo de fogo das usinas, o banguê atravessa fases bem ruins, como a que se registra e que vem provocando movimento tão amplo de reivindicação.

CONCLUSÃO

Terminando essas ligeiras notas faço questão de accentuar que defendo o banguê por reconhecê-lo profundamente ligado à nossa historia, como uma collaboração valiosa em favor de nossa prosperidade economica, como observamos nos mal ajuntados numeros que divulgo acima.

A evolução no campo da economia é muito logica, e mais logica ainda se torna quando passamos para o campo da technica, ou evolução mecanica. Agora, o que me parece prejudicial é essa historia de engulir o banguê, deixando essa gente toda num evidente atraso em quasi tudo que toca de perto aos problemas agricolas, á policultura.

Depois foi o banguê, bem reparado, que deu maior (ou unica) quota economica para a nossa independencia politica; foi elle o propulsor de nossas primeiras tentativas culturais, apresentando figuras que poderam se educar e fazer cultura, constituindo isso de qualquer modo honra para a terra; foi o banguê o creador de uma sociedade cheia de requintes, cheia de vaidades, cheia de poderio; é o banguê que tem atravessado a historia sustentando, embora com pouca dedicação, uma população inteira do nosso "hinterland".

Anniquillar o banguê é pisar no calo do dedo min mo da senhora Tradição; e contribuir para uma derrocada economico-financeira que está bem á vista.

Defender o banguê, nesse momento angustiante de crise porque atravessamos, é uma attitude que ficará na nossa historia como uma das mais justas e conscienciosas tentativas.

LEITURAS — Artigos de: Pedro Calmon, Gileno De Carli, R. Fernandes e Silva (no "Anuario Açucareiro" de 1935) Evaristo Leitão (nas Revistas do Ensino de Alagôas); Manoel Diegues Junior (no "Jornal de Alagôas"); Paulo de Albuquerque (no "Observador Economico e Financeiro") Entrevistas de: governador Osman Loureiro, Moacyr Pereira, Messias de Gusmão, Ruy Palmeira, Pedro Rocha e Francisco Carneiro (na GAZETA DE ALAGÔAS). Livros de: Craveiro Costa — HISTORIA DAS ALAGÔAS; John Mawe — TRAVELS IN THE INTERIOR OF BRAZIL, (Bibliotheca do Instituto Historico); Jacques Duboin — LA GRANDE RELEVÉ DES HOMMES PAR LA MACHINE. Revistas do Instituto Historico.

exportadas pelos portos de Salaverry e Supe, durante o ano, 12.521 toneladas métricas, com o valor de 149.757 "soles". Em relação a 1935 o aumento foi de 1.628 toneladas e 14.872 "soles".

MOVIMENTO AÇUCAREIRO DE 1917 A 1936

ANOS	Superfície semeada de canna		Pprodução total do açúcar	Consumo local controlado		Consumo local não controlado e estoques	Importação	Exportação
	Hectares	Toneladas		Toneladas	Toneladas			
1917	45,328	253,176	35,607	5,529	108	212,040		
1918	49,804	287,480	37,926	51,569	74	197,981		
1919	48,754	287,028	39,482	24,553	88	272,609		
1920	49,077	313,688	43,992	19,733	12	249,963		
1921	50,247	269,009	44,585	15,539	24	239,336		
1922	50,813	319,321	44,403	535	29	317,889		
1923	53,686	320,454	40,504	2,542	14	314,492		
1924	55,736	316,904	48,901	2,494	251	263,609		
1925	53,466	275,561	57,065	10,357	317	206,139		
1926	53,194	375,962	50,504	4,058	19	329,376		
1927	57,039	374,852	40,537	33,884	24	360,411		
1928	53,283	361,736	58,951	3,185	21	305,970		
1929	77,987	428,365	57,349	7,626	97	363,380		
1930	53,050	399,705	60,709	212	112	336,781		
1931	50,311	389,898	59,685	2	181	330,211		
1932	53,262	387,865	62,751	2	188	323,112		
1933	50,064	432,645	66,008	3	157	363,632		
1934	60,308	389,961	72,380	77	247	317,449		
1935	51,453	396,915	73,431	376	324	323,432		
1936	52,841	409,509	52,249	1,559	460	326,167		

MAIS UMA VICTÓRIA DO ACOOL CARBURANTE

A esquadilha aerea italiana que visitará a America do Sul será abastecida com alcool de fabricação brasileira fornecido gratuitamente pelo I. A. A.

Comunica-nos a Secção "Alcool-Motor", do Instituto do Açucar e do Alcool:

"Em meados de setembro corrente realizar-se-á na cidade de Lima, capital do Perú, uma Conferencia sobre Aviação Civil, que, por sua importancia, vem despertando interesse em varios centros aeronauticos do mundo.

O governo italiano far-se-á representar por uma esquadilha de modernos aviões militares, a qual, na viagem de regresso, passará por

Santiago	— em 1 de Outubro, aproximadamente
Mendoza	— " 10 " " "
Villa Mercedes	— " 10 " " "
Rio Cuarto	— " 10 " " "
Buenos Aires	— " 10 " " "
Montevideo	— " 15 " " "
São Paulo (Brasil)	— Sem data fixa
Rio de Janeiro	— em 25 de Outubro, aproximadamente

Os aviadores italianos utilizarão nessa viagem um combustivel composto de

55 % de gasolina de aviação simples
23 % de alcool anhidro
22 % de benzol

Para o abastecimento em Buenos Aires não foi possível obter localmente o desejado alcool anhidro, e, por isso, a Companhia fornecedora do combustivel — Anglo Mexican Petroleum Company, Ltd. — dirigiu um appello ao Instituto do Açucar e do Alcool do Rio de Janeiro. Após audiencia de sua Comissão Executiva, deliberou o Instituto oferecer gratuitamente o alcool anhidro de produção nacional, numa quantidade de 5.400 litros. Esse producto, acondicionado em 18 toneis, foi embarcado para a capital portenha pelo vapor "Almirante Jaceguay", que deixou o porto do Rio no dia 8 do corrente.

Quando por occasião de sua passagem por São Paulo e Rio de Janeiro, os aviões italianos se abastecerão com igual mistura.

Atestado mais vivo das qualidades insuperaveis do alcool anhidro como combustivel para motores de explosão não poderíamos ter. Os motores de aviação — todos de altissima compressão — mais do que quaesquer outros requerem combustivel da maxima eficiencia, de modo a garantir-lhes regularidade de funcionamento, dada a sua missão delicada de proporcionar a estabilidade dos apparatus e sua permanencia no espaço.

O alcool, na mistura em causa, exerce o papel de anti-detonante, substituindo vantajosamente o tetra-ethyl de chumbo, que é o producto usualmente empregado para assegurar as caracteristicas necessarias á gasolina de aviação.

Provado está, portanto, sobejamente, que o alcool anhidro adicionado á gasolina melhora as condições desta como combustivel para motores de explosão interna. E que fique o exemplo da aviação italiana, para afastar as duvidas que ainda possam, por ventura, subsistir entre os utilizadores do carburante nacional — a mistura de gasolina e alcool anhidro."



Vista de uma composição pertencente ás grandes "USINAS JUNQUEIRA", em União-CM (São Paulo) composta de vagões plataformas, especiaes para transporte de canna, bitola de 1m,000, estrados metalicos, que fornecemos recentemente áquella Usina.

Companhia Sorocabana de Material Ferroviario S./A.

SOMA

Constructores e reparadores de material rodante da Estrada de Ferro Central do Brasil, São Paulo Railway, Companhia Ferroviaria São Paulo Paraná, Usinas Junqueira, S.A. Frigorifico Anglo, Armour of Brasil Corporation, Frigorifico Wilson do Brasil, Anglo Mexican Petroleum Company Ltd. Atlantic Refining Company of Brasil, Standard Oil Company of Brasil, The Caloric Company, Companhia Antartica Paulista, Companhia Chimica Rhodia Brasileira, etc., etc.

SÉDE
SÃO PAULO
RUA BENJAMIN CONSTANT 61
2.º andar - salas 21 - 22 - 23
Telegrammas - SOMA
Telefones 2-1603 - 5

FABRICA
OSASCO - E. F. SOROCABANA
Desvio "SOMA"
RUA ANDRÉ ROVAE S| N.º
Telefones Osasco 41 - 2

A CLARIFICAÇÃO DO CALDO DA CANNA POJ. 2878

Earl L. Symes

No numero de janeiro ultimo do "The International Sugar Journal" ("ISJ"), á pagina 32, o sr. Baissac, de Maurícia, estuda as difficuldades encontradas na clarificação do caldo da POJ. 2878 em todas as partes do mundo onde esta canna é plantada em substituição ás variedades mais antigas. Conclue que o departamento de clarificação deve ser augmentado para tratar esse caldo. No mesmo numero, á pagina 23, o sr. N. Smith, da Australia, recommenda a sulfuração e calação em alta escala nas usinas de Queensland. Esse maior uso da cal causaria maior producção de melão final e outras difficuldades devidas aos muitos saes da cal, etc.

No numero de fevereiro da mesma revista, á pagina 67, o sr. J. G. Davis fala sobre a clarificação da POJ. 2878 na Jamaica, onde foi usada com exito a calação fraccionada e o processo do duplo aquecimento, sem nenhum augmento no uso de productos chimicos. Esse methodo de tratar os caldos da POJ foi praticado em Trinidad e relatado em um numero de 1936 do "ISJ". No numero de março ultimo dessa mesma revista, á pagina 103, o sr. Davis relata a importancia de haver sufficiente fosfato no caldo da canna para que se produza boa flocculação com a cal e o enxofre. No numero de maio ("ISJ") diz-se, á pagina 176, que a clarificação do caldo da POJ. 2878 é facil quando a canna é deixada uma semana ou mais depois de cortada. Tal espera não parece auxiliar a clarificação desta canna no Brasil. No "ISJ" de junho, á pagina 236, relata-se o trabalho feito na França sobre a influencia da sulfuração nos colloides, indicando-se que a forte sulfuração, como se diz ser feita em Queensland, poderia auxiliar a clarificação dos caldos da POJ.

No numero de julho ultimo do "ISJ", á pagina 267, o sr. N. Smith relata os varios methodos de tratar os caldos da POJ. em Queensland e conclue que o methodo da calação fraccionada e do duplo aquecimento, conforme foi praticado por Davis em Trinidad e Jamaica, é o melhor methodo de clarificação dos caldos de POJ. 2878. Novas informações sobre esse methodo em Queensland são dadas pelo sr. J. C. B. Davidson

em "Chemical Abstracts" de 20 de maio de 1937, columna 3727, onde conclue que a calação fraccionada e o duplo aquecimento são o melhor methodo.

Em todos esses estudos nenhuma menção se faz do trabalho executado em Hawaii, Cuba ou Porto Rico, excepto da moagem de cannas velhas em Cuba. A razão principal é que a calação fraccionada e o duplo aquecimento têm sido usados em suas usinas por mais de 15 annos, onde quer que o sistema de clarificação composta Dorr tenha sido adoptado com dois ou mais clarificadores Dorr. Ha varias características peculiares a esse processo patenteado que o distinguem dos methodos communs de calação fraccionada e do duplo aquecimento. A primeira, naturalmente, é o menor espaço occupado na usina em comparação com as grandes ampliações que devem ser feitas para trabalhar com a antiga defecação e eliminadores abertos, pois todo o processo de clarificação composta Dorr pôde ser manejado por um só homem, comparativamente com os dez ou mais exigidos pelos velhos methodos. Outra característica superior é que o caldo de alta pureza da primeira moenda e do esmagador é tratado separadamente do caldo de baixa pureza das ultimas moendas.

Esse caldo de baixa pureza é o mais difficil de tratar, quando se clarifica caldo da POJ. 2878. Pôde ser sulfurado e encalado e depois aquecido e misturado com a borra de grande Dorr primario e passado ao pequeno Dorr secundario. A borra deixa esse Dorr secundario com metade da polarização da do Dorr primario, permittindo, assim importante diminuição em perda de açúcar na torta do filtro prensa, para onde vae esse lodo. O caldo clarificado do Dorr secundario é misturado com o caldo da primeira moenda e do esmagador e recebe uma segunda sulfuração e calação e aquecimento, antes de entrar no grande Dorr primario. A calação fraccionada e o duplo aquecimento são dados ao caldo que mais o requerem. O processo de clarificação composta Dorr reduz a quantidade de productos chimicos usada, desde que a calação e sulfuração só se repete com a porção de caldo que as exige. Obtem-se muito maior

RESENHA DO MERCADO DE AÇUCAR

EXPORTAÇÃO PARA OS MERCADOS NACIONAES

a) — A exportação de açúcar da Parahiba, em julho, foi numa quantidade insignificante, apenas 500 saccos de cristal — destinados ao Piauí.

No periodo setembro a julho da safra passada aquelle Estado exportou 93.911 saccos, tendo sido nesta safra, em identico periodo, de 21.378 o total exportado. A differença da exportação na safra de 1936|37, encontrou justificativa principal na diminuição da producção de usinas como podemos verificar pelos dados abaixo:

	<i>Producção</i>	<i>Exportação</i>
Safra 1935 36	219.223	93.911
Safra 1936 37	139.769	21.378
Dif. a menos	79.454	72.533

Verificamos, assim, que as differenças da producção e exportação encontram-se no mesmo nivel.

b) — As saidas de Recife, em julho, alcançaram a cifra de 148.573 saccos, sendo deste total 126.533 do tipo cristal. Constata-se, assim, ter havido maior no-

eliminação das materias colloidaes do caldo das ultimas moendas, uma vez que elle é misturado com os absorventes depositos da borra já flocculados no Dorr primario e por isso aptos a começarem a absorver os colloides immediatamente.

Os resultados dessa clarificação composta Dorr têm sido tão satisfactorios e convincentes, que a maior usina de açúcar do mundo, a Jaronu, de Cuba, que móe 10.000 toneladas de açúcar por dia, resolveu instalar Dorrs para a proxima safra. A usina similar Cunagua será equiparada, logo que esteja concluida a installação da Jaronu. As usinas de Porto Rico e de Cuba que usam a clarificação Dorr informam que fizeram eco-

nomias de mais de 1.000 toneladas de açúcar numa safra, devido à redução nas perdas no filtro prensa e nas perdas nos melagos finaes. Informa-se que em Cuba a moagem de canna POJ. 2878 queimada na usina España não provocou perturbação na clarificação nem redução na moagem, usando-se a clarificação composta Dorr.

Entretanto, a differença de cerca de 48 por cento nas saidas em confronto com junho não significou novas aquisições de açúcar, e sim quantidade retiradas dos estoques naquella praça pertencente a firmas no mercado do Districto Federal.

c) — Alagoas exportou em julho 19.269 saccos contra 26.046 em junho e 59.208 em maio. As quantidades exportadas distribuem-se pelos seguintes tipos:

Cristal	3.385	18%
Somenos	4.845	25%
Bruto	11.039	57%
	19.269	

São Paulo foi o seu maior adquiridor com a cifra de 13.609 saccos, sendo 4.400 do tipo somenos e 9.209 do tipo bruto.

Com a pequena disponibilidade de que dispõe aquelle Estado, a exportação no mez de agosto deverá ficar muito abaixo da cifra de julho.

Prova esse trabalho da clarificação composta Dorr que a usina que funciona sem Dorrs paga o valor delles, em cada duas safras, representado pelas perdas não controladas. A renda sobre o capital empregado parece ser no minimo de 50 % por anno, o que é uma renda demasiado boa para ser desprezada.

d) — A exportação de Sergipe, em julho, attingiu ao total de 20.027 saccos.

São Paulo e Rio Grande do Sul foram os seus maiores adquiridos, com a cifra de 12.730 saccos, ou seja 63 % do total exportado.

Confrontando-se as exportações da safra de 1935/36 com a de 1936/37, no período de setembro a julho, verificamos uma diferença para menos, nesta última, de 193.164 saccos, total este que corresponde ao decréscimo da produção de 36/37, como se vê abaixo:

	<i>Produção</i>	<i>Exportação</i>
Safra 1935/36	741.022	655.583
Safra 1936/37	528.219	462.419
Dif. a menos	212.803	193.164

e) — O mercado exportador da Bahia manteve-se em julho, ainda bem animado. As saídas alcançaram a cifra de 26.375 saccos, sendo esse açúcar todo do tipo cristal.

São Paulo e Districto Federal foram os seus maiores compradores, respectivamente, com 4.000 e 11.800 saccos.

Fazendo-se o confronto das exportações nas duas safras, 35/36 e 36/37, verificamos um acréscimo nesta safra de 126.779 saccos, que teve como factor principal a produção como vemos abaixo:

	<i>Produção</i>	<i>Exportação</i>
Safra 1936/37	652.470	251.144
Safra 1935/36	518.612	124.365
Dif. a mais em 36/37	133.858	126.779

IMPORTAÇÃO DE AÇUCAR

As aquisições de açúcar nos mercados consumidores, em julho, mantiveram-se quasi no mesmo nível de junho, com relação ao total.

O mercado do Districto Federal foi o que mais importou, com a cifra de 142.728, seguindo-se-lhe São Paulo, com 50.139 e Rio Grande do Sul com 26.905.

Os tipos abaixo, somenos e bruto, acharam, como sempre, melhor collocação nos mercados sulinos, fazendo os mercados nortistas aquisições do tipo cristal.

As importações estão assim distribuidas, pelos seguintes tipos:

Cristal	223.878	77%
Demerara	32.388	11%
Bruto	29.131	10%
Somenos	4.855	2%
	<hr/>	
	290.252	

ESTOQUES DE AÇUCAR

O estoque total de 1.222.591 saccos de açúcar existente em julho, está assegurando perfeito equilíbrio entre a produção e o consumo.

Tendo os Estados do Sul iniciado a safra de 1937/38, a nova produção já está concorrendo para o consumo, motivo porque elle attingiu em junho o nível mais baixo, devendo de julho em diante se elevar gradativamente.

Apreciando a situação de cada Estado, separadamente, constatamos a mesma normalidade.

Mesmo os Estados nortistas, cuja safra só se iniciará em setembro, ainda possuem estoques necessários para o proprio consumo e alguma exportação.

ENTRADAS E SAIDAS DE AÇUCARES NO DISTRICTO FEDERAL

TRICITO FEDERAL

Julho assignala uma importação, pelo Districto Federal, de 142.728 saccos.

A procedencia campista leaderou as demais com a cifra de 100.977 ou 71% do total.

As exportações, que foram num total 6.180 saccos, augmentaram em relação aos mezes de junho, maio, abril, março e fevereiro, que foram, respectivamente, de 2.852 — 1.675 — 1.431 — 1.570 e 1.552.

As saídas para consumo em julho subiram a um total de 174.449 saccos, contra 146.799, em junho.

COTAÇÕES

Com o inicio da safra nos Estados do Sul, os preços nas praças de São Paulo, Campos e Bello Horizonte voltaram á posição normal. Nos Estados nortistas, porém, continuam no mesmo nível de junho. Quanto ás cotações dos tipos de banguês, continuam firmes, tendo-se registado a cotação minima em Aracajú, que oscillou entre 20\$ e 25\$ por saccos de 60 kilos, e a maxima em S. Salvador entre 30\$ e 42\$.

A. G. C.

MOVIMENTO COMMERCIAL DO AÇUCAR

EXPORTAÇÃO DE JULHO DE 1937, PELO ESTADO DE ALAGOAS

Instituto do Açúcar e do Alcool

Secção de Estatística

<i>Estados</i>	<i>Cristal</i>	<i>Demerara</i>	<i>Somenos</i>	<i>Bruto</i>	<i>Totales</i>
Ceará	300	—	—	—	300
Maranhão	625	—	210	—	835
Pará	2.000	—	—	—	2.000
Paraná	—	—	—	1 100	1.100
Rio Grande do Norte	460	—	235	330	1.025
Rio Grande do Sul	—	—	—	400	400
São Paulo	—	—	4.400	9.209	13.609
Totales	3.385	—	4.845	11.039	19.269

EXPORTAÇÃO DE JULHO DE 1937, PELO ESTADO DE SERGIPE

Instituto do Açúcar e do Alcool

Secção de Estatística

<i>Estados</i>	<i>Cristal</i>	<i>Demerara</i>	<i>Somenos</i>	<i>Bruto</i>	<i>Totales</i>
Pará	1.660	—	—	—	1.660
Maranhão	1.205	—	—	—	1.205
Rio Grande do Norte	190	—	—	—	190
Bahia	20	—	—	—	20
Espirito Santo	437	—	—	140	577
São Paulo	8.630	—	—	600	9.230
Paraná	2.620	—	—	—	2.620
Santa Catharina	1.025	—	—	—	1.025
Rio Grande do Sul	3.500	—	—	—	2.500
Totales	19.287	—	—	740	20.027

EXPORTAÇÃO DE JULHO DE 1937, PELO ESTADO DA BAHIA

Instituto do Açúcar e do Alcool

Secção de Estatística

<i>Estados</i>	<i>Cristal</i>	<i>Demerara</i>	<i>Somenos</i>	<i>Bruto</i>	<i>Totales</i>
Rio Grande do Sul	2.000	—	—	—	2.000
Districto Federal	4.000	—	—	—	4.000
Espirito Santo	200	—	—	—	200
Acre	50	—	—	—	50
Amazonas	1 755	—	—	—	1.755
Pará	2.780	—	—	—	2.780
Maranhão	2.090	—	—	—	2 090
Ceará	1.200	—	—	—	1.200
São Paulo	11.800	—	—	—	11.800
Santa Catharina	500	—	—	—	500
Totales	26.375	—	—	—	26.375

MOVIMENTO COMMERCIAL DO AÇUCAR

EXPORTAÇÃO DE JULHO DE 1937, PELO ESTADO DE PERNAMBUCO

Instituto do Açucar e do Alcool

Secção de Estatistica

Estados	Usinas	Cristal	Somenos	Mascavo	Totaes
Amazonas	—	11.831	—	—	11.831
Acre	—	20	—	—	20
Bahia	—	143	—	—	143
Ceará	—	11.095	—	80	11.175
Espirito Santo	—	200	—	—	200
Maranhão	—	2.215	—	30	2.245
Matto Grosso	—	100	—	—	100
Pará	—	11.692	—	—	11.692
Piauhi	—	7.150	—	—	7.150
Parahiba	—	100	—	—	100
Paraná	—	2.100	—	—	2.100
Rio Grande do Norte	215	1.497	10	200	1.922
Districto Federal	—	63.000	—	—	63.000
Rio Grande do Sul	11.755	9.200	—	50	21.005
São Paulo	—	6.000	—	9.500	15.500
Santa Catharina	—	190	—	—	190
Uruguai	—	—	—	200	200
Totaes	11.970	126.533	10	10.060	148.573

EXPORTAÇÃO DE JULHO DE 1937, PELO ESTADO DA PARAHIBA

Instituto do Açucar e do Alcool

Secção de Estatistica

Estados	Cristal	Demerara	Somenos	Bruto	Total
Piauhi	480	—	—	—	480
Total	480	—	—	—	480

MOVIMENTO COMMERCIAL DO AÇUCAR

IMPORTAÇÃO DE AÇUCAR POR ESTADOS, DURANTE O MEZ DE JULHO DE 1937

(SACCOS DE 60 KILOS)

Instituto do Açucar e do Alcool

Secção de Estatística

Estados	Cristal	Demerara	Somenos	Bruto	Totaes
Acre	70	—	—	—	70
Amazonas	13.586	—	—	—	13.586
Pará	18.132	—	—	—	18.132
Maranhão	6.135	—	210	30	6.375
Piauí	7.630	—	—	—	7.630
Ceará	12.595	—	—	80	12.675
Rio Grande do Norte	2.362	—	245	530	3.137
Parahiba	100	—	—	—	100
Pernambuco	—	—	—	—	—
Alagoas	—	—	—	—	—
Sergipe	—	—	—	—	—
Bahia	163	—	—	—	163
Espirito Santo	837	—	—	140	977
Estado do Rio	—	—	—	—	—
Districto Federal	102.848	32.388	—	7.492	142.728
São Paulo	26.430	—	4.400	19.309	50.139
Paraná	4.720	—	—	1.100	5.820
Santa Catharina	1.715	—	—	—	1.715
Rio Grande do Sul	26.455	—	—	450	26.905
Minas Geraes	—	—	—	—	—
Matto Grosso	100	—	—	—	100
Goiáz	—	—	—	—	—
Totaes	223.878	32.388	4.855	29.131	290.252

MOVIMENTO COMMERCIAL DO AÇUCAR

ESTOCQUES DE AÇUCAR NOS ESTADOS NO MEZ DE JULHO DE 1937

Instituto do Açúcar e do Alcool

Secção de Estatística

Estados	EM 1937					EM 1936						
	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	Total	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	Total
Rio Grande do Norte	850	—	—	—	—	850	—	—	—	—	—	—
Parahiba	16.779	—	—	—	1.524	18.303	13.330	—	—	—	3.690	17.020
Pernambuco	331.894	3.318	—	2.288	25.478	362.373	437.366	122.097	373	11.057	19.171	590.064
Alagoas	8.387	7.310	—	16	12.056	27.769	5.930	59.660	—	—	103.044	168.634
Sergipe	47.367	9.861	—	12.043	—	69.271	60.718	13.280	—	11.669	—	85.667
Bahia	31.015	—	—	55	—	31.070	37.382	—	—	—	—	37.382
Rio de Janeiro	225.125	25.133	—	50.199	—	300.457	186.370	30.071	—	6.020	—	222.461
Districto Federal	9.125	55.336	—	3.021	—	67.482	49.865	—	—	—	—	49.865
São Paulo	249.963	34.600	—	10.000	—	294.563	322.030	59.282	8.000	—	17.000	406.312
Minas Geraes	42.242	557	—	6.430	—	49.229	53.731	751	—	8.397	—	62.879
Goiáz	—	—	—	619	—	619	—	—	—	619	—	619
Totales	962.747	136.115	—	84.671	39.058	1.222.591	1.166.722	285.141	8.373	37.762	142.905	1.640.903

R E S U M O

R E S U M O

No interior dos Estados	12.605	No interior dos Estados	60.608
Nas usinas	605.362	Nas usinas	719.350
Nas capitães	604.624	Nas capitães	860.945
	<u>1.222.591</u>		<u>1.640.903</u>

MOVIMENTO COMMERCIAL DO AÇUCAR

ENTRADAS E SAIDAS DE AÇUCARES NO DISTRICTO FEDERAL, DURANTE O MEZ DE JULHO DE 1937

Instituto do Açucar e do Alcool

Secção de Estatística

Procedencia	ENTRADAS	Destino	SAIDAS
	Saccos de 60 kilos		Saccos de 60 kilos
Recife	37.916	Pará	1.000
Aracajú	250	Ceará	100
Campos	100.977	Rio Grande do Norte	30
Bello Horizonte	3.583	Bahia	95
		Espirito Santo	320
		Paraná	530
		Santa Catharina	755
		Matto Grosso	700
		São Paulo	500
		Rio Grande do Sul	2.150
	142.728		6.180

RESUMO

Estoque em 30 de junho	84.815
Total entradas em julho	142.728
	227.543
Saidas	6.180
	221.363
Para consumo	174.449
	46.914
Estoque em 31 de julho	46.911

COTAÇÕES MINIMAS E MAXIMAS DO AÇUCAR NAS PRAÇAS NACIONAES, EM JULHO DE 1937

Instituto do Açucar e do Alcool

Secção de Estatística

Praças	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto
João Pessoa	66\$	—	36\$ 38\$	—	—
Recife	55\$	—	28\$ 32\$	45\$	—
Maceió	58\$/59\$	—	26\$ 32\$	49\$.50\$	—
Aracajú	38\$/49\$	—	20\$ 25\$	—	—
São Salvador	58\$	—	30\$/42\$	—	—
Campos	50\$/62\$	—	—	—	—
Districto Federal	60\$/74\$	42\$/50\$	—	Nominal	—
São Paulo	66\$/73\$	49\$/52\$	—	—	—
Bello Horizonte	68\$/72\$	—	—	—	64\$ 68\$

CHRONICA AÇUCAEIRA INTERNACIONAL

CUBA

Movimento açucareiro

As estatísticas preliminares para 1937 mostram a produção de 2.936.527 toneladas inglesas de açúcar.

A exportação para os Estados Unidos excedeu, em volume, a do anno passado.

De 1.º de janeiro a 30 de junho, a exportação de açúcar bruto alcançou o total de 1.492.707 toneladas, contra 1.451.927 toneladas em igual periodo do anno passado. Os embarques para os Estados Unidos se elevaram ao total de 1.223.443 toneladas contra 1.130.650 o anno passado. ("Commerce Reports", Washington, 3-7-37).

ESTADOS UNIDOS

Novo tipo de alcool-motor

Informa um telegramma de Nova York que, com o fim de incrementar o uso industrial dos productos agricolas nos Estados Unidos, uma nova industria americana está elaborando um tipo de alcool combustivel para o preparo de misturas de alcool e gasolina para motores de explosão. Até agora as misturas propostas não apresentam notavel diminuição de custo comparativamente com a gasolina actualmente em uso. De qualquer modo, proseguem as experiencias para adaptar aquelle producto ás exigencias economicas. As materias primas em exame para a distillação desse alcool comprehendem o milho, o centeio, o sorgo, a bata e o melado. — ("Cole", Milão, 17-7-37).

INDIA INGLEZA

Queima do excesso de canna

Não teve o desejado resultado a baixa, ordenada pelo governo das Provincias Unidas, do preço minimo da canna de açúcar. Em consequencia da queda crescente do preço do açúcar e da existencia de grandes estoques, as usinas não quizeram prolongar a safra, de modo a receber o restante de canna dos plantadores. Apesar de ter sido maior a produção de açúcar na safra de 1936-37, ficou muita canna por vender devido ao augmento da area plantada e ter sido favoravel a safra. A falta de outro emprego possivel, está sendo queimada, nos cannaviaes, toda a canna que não póde ser

utilizada como forragem. O prejuizo que essa queima traz aos plantadores é de cerca de 2.500.000 rupias. ("Nachrichten fuer Aussenhandel", Berlim, 6-7-37).

ITALIA

A produção de alcool deshidratado

O problema do emprego do alcool carburante entrou numa fase decisiva. Em cerca de seis mezes, durante o periodo das sanções, foram creadas novas installações, que permittiram elevar a produção de alcool deshidratado de 150.000 para 850.000 litros diarios. ("L'Industrie Chimique", Paris, junho, 1937).

PORTUGAL

A importação de açúcar das colonias e da Madeira

O "Diario do Governo", publicou o decreto-lei n. 27.825, que mantém em vigor, no anno cultural de 1937-1938, as disposições do decreto-lei n. 26.741, que determinam que o rateio do açúcar colonial para effeito do beneficio de bonus passe a fazer-se por despacho do ministro das Finanças; um despacho ministerial que fixa em 67.000.000 de ilogrammas o consumo provavel de açúcar no continente da Republica no referido anno, e determina o rateio do açúcar colonial, e o decreto-lei n. 27.826, que estabelece que, no mesmo periodo, e permittida a importação no continente, do açúcar da canna que exceder o consumo da Madeira, até o limite maximo de 400 toneladas. ("O Seculo", Lisboa, 8-7-37).

REPUBLICA DOMINICANA

Movimento açucareiro

A produção total de açúcar até 31 de maio ultimo era de 442.377 toneladas americanas e a exportação, no mesmo periodo, foi de 267.563 toneladas, mostrando o augmento de 19,4 % em quantidade comparativamente com igual periodo no anno passado.

No começo de junho o estoque era de 136.850 toneladas, contra 211.790 toneladas em 31 de maio de 1936. ("Commerce Reports", Washington, 33-7-37).

Nossas
MOENDAS
 trabalham
 excellentemente
 em qualquer lugar
 mesmo nas Usinas
 de serviço forçado



Nossas
BOMBAS-ROTA
 são superiores
 para transportes de
 garapa
 e
 caldo grosso

Fornecemos todas as machinas e aparelhos para installações de
USINAS DE AÇUCAR

^e
REFINARIAS DE AÇUCAR
Hallesche Maschinenfabrik e Eisengiesserei - Halle - Alemanha
 Peçam catalogos e informações aos representantes para todo o Brasil:

R. PETERSEN & CIA. LTDA.



RIO DE JANEIRO
 Rua Mayrink Veiga, 8
 Tel.: 23-5830



SÃO PAULO
 Rua Libero Badaró, 306
 Tel.: 2-5151



AGENTES EM TODOS OS ESTADOS

Reproduzimos nesta secção commentarios da imprensa diaria, pró ou contra o Instituto do Açúcar e do Alcool, sem endossar naturalmente, os conceitos dos respectivos autores.

Os perigos do açúcar

Perdura ainda a impressão de São Paulo é ser um immenso cafestal, embora a lavoura paulista esteja produzindo mais da metade do algodão do Brasil. No entanto, São Paulo é entre os Estados também o primeiro na produção do arroz, das frutas cítricas, da banana e do abacaxi; o segundo quanto ao feijão e á viti-vinicultura; o terceiro nas safras de milho. Bastaria isso para destruir a lenda da nossa monocultura caféira. E ha ainda a canna: estamos em primeiro logar na produção de aguardente, em segundo no de alcool, em quarto na de açúcar. Sommem-se essas colheitas e mais as de grande numero de outros artigos agricolas e chegaremos ao resultado registrado nas ultimas estatisticas do Ministerio do Exterior; a produção paulista attingiu a 36,35 % total da produção agricola do Brasil, em relação ao seu valor, não obsiante o tremendo collapso do café. As revoluções, a crise financeira, a falta de braços, outras causas têm retardado a recuperação economica, impedindo o retorno á prosperidade de dez annos atrás. Mas, assim mesmo, a arrecadação estadual passou nesse periodo de 400.000 para 700.000 contos, a lavoura vae-se diversificando para viver, as industrias trabalham activmente, o commercio retoma o seu esplendor e o Brasil verifica, a cada dia que passa, que póde contar com São Paulo. São Paulo está de pé, em marcha pela sua grandeza dentro da patria maior.

A industria açucareira paulista permanece estacionaria. A produção anda por dois milhões e meio de saccos e mal excede a metade do consumo local. Não póde crescer em virtude do convenio que limitou a quota de cada Estado. Essa limitação, discute-a toda a gente com constante mal humor, em São Paulo. Nunca a combati, por uma razão de equidade: os governos paulistas, antes de 30, impuzeram aos demais Estados caféiros uma politica do café baseada na valorização e na retenção della resultaram consequencias taes que foi preciso queimar 60 milhões de

saccos de café, e, dahi, veiu a prohibição de novas plantações. Ora, se é isso a nossa attitude em relação ao café, com que autoridade nos rebellariamos contra attitude igual do Nordéste e do Estado do Rio em relação ao açúcar? E' principio de sabedoria christã — não fazer aos outros o que não queremos que nos façam... Partidario radical da liberdade, economica, como da liberdade, politica, sou adverso á intromissão dos governos na economia nacional, á tributação que embaraça a circulação das riquezas, ao proprio regimen proteccionista que nos isola do mundo, privando-nos das vantagens da importação de mercadorias de alta qualidade e baixo preço.

Tanto mais que regulando-se as vendas pelas compras, pois que tudo é troca, nós, por contra golpe, nos privamos também de exportar as nossas mercadorias, como se vê, por exemplo, com o café.

Gilberto Freyre pinta-nos em "Nordéste" o bem e o mal que a canna fez á região. O bem foi servir de meio, ou melhor, á introdução da civilização, que sem a canna não teria ponto de apoio naquellas terras da America. O mal, resume-se em poucas palavras: monocultura, latifundio, escravidão. A escravidão passou, mas os escravos subsistem nas usinas e nos engenhos, como nos os pintam os escriptores nordestinos. O latifundio alastra-se, pois que a technica exige amplidão da lavoura e concentração da industria. E' a monocultura é tão intransigente que o Nordéste importa do sul carnes e cereaes para sua alimentação.

Dos cereaes sabemos nós. Do resto, fala Gilberto Freyre: "O resultado é importar o Nordeste açucareiro, de sul do Brasil, e até do estrangeiro, uma quantidade enorme de productos animaes que podiam lhe vir mais baratos do outro Nordeste (o da pecuaria); banha, queijo, manteiga, sebo, xarque e até couros e pelles". Isto vem de longe, como se lê neste passo: "Dahi desequilibrios profundos na vida e na gente do "littoral" e da "matta", sobretudo da gente das casas de barro, a gente pobre é aparentemente livre, moradora

"La Industria Azucarera"

(FUNDADA EM 1894)

Revista mensal, órgão do Centro
Azucarero da Republica Argentina

Reconquista, 336 Buenos Aires

Informações, estudos técnicos
e commentarios sobre a
industria açucareira

Assignatura por anno:
\$10, papel argentino

nos engenhos de canna; mas impedida, como, se fosse escrava, de criar bicho, de plantar legume, de cultivar a terra de outro geito que naa fosse a serviço — e serviço immediata — da monocultura da canna e dos seus senhores'.

Em São Paulo, as regiões açucareiras são pequenas manchas ao redor das usinas, 32 ao todo, concentrando-se mais no triangulo Campinas-Piracicaba-Porto Feliz. Sua influencia não pôde ser muito grande, pois. Assim mesmo, nessa zona, noutros municipios, nas circumvizinhanças das usinas esparsas, a situação se vai fazendo incommoda. Para isso concorre um motivo occasional: os altos preços do açúcar em confronto com o baixa custo de produção, bastando dizer-se que em São Paulo elle custa de 12\$000 a 19\$000 a sacca e se vende de mais de 70\$000. Em taes condições, as usinas, na sua expansão territorial, como manchas de azeite, estão levando profundas perturbações á vida economica das suas regiões mais proximas. Os salarios podem ser dobrados em

o Brasil, e a canna de açucar, que se dá a conhecer, não só pela sua importância economica, como também pela sua influencia social, e em alguns pontos, como São Paulo, a usina não o permite. em São Paulo, a usina, deste, aggravando assim a carenia das usinas de primeira necessidade.

Repto que em São Paulo se criaria a usina pintas minusculas. Convinha que a usina? O aumento convida a economia paulista, em sentido: importaríamos cerca de 2 milhões de saccos de açúcar, que poderíamos produzir aqui. Para a economia brasileira (tambem): a natureza e a tecnica nos permitem fabricar açucar a preço que não passariam de 25 % dos actualmente em vigor. Mas cumpre indagar se nos conviriam essas vantagens em troca dos maleficios de uma actividade agricola-industrial cujos inconvenientes ja podemos sentir; que apresenta no Nordeste factores nefastos em seus aspectos economicos, politicos e sociais, a julgar pela sua literatura, e que na mar das Antilhas teve sempre esses mesmos effeitos ainda multiplicados por motivos de ordem racial e mesologica. Invejamos muita a prosperidade de Cuba, que, na sua exiguidade territorial e demografica, produz quasi tres vezes mais açúcar da que o Brasil. Devemos invejar porém a sua sorte passando de colonia hespanhala a protectorada estaaunidense e depois da tirannia dos Machado para a demagogia dos Baptistas? Seria interessantissimo averiguar até onde a canna influiu para isso. Talvez se concluísse que mais vale importar açúcar a produzir um clima social incompativel com o progresso material e com o aperfeiçoamento espirital. E licito ter medo do açúcar...

RUBENS DO AMARAL ("Folha da Manhã", de São Paulo, 22-8-37).

AÇUCAR CRISTAL

O melhor fabricado no Estado.
Pode ser usado sem nenhum processo de refinação, pois é absolutamente puro.

JOAQUIM BANDEIRA & CIA.

Usina Salgado - Ipojuca

Escriptorio em Recife: Rua Mariz e Barros n.º 121

1.º andar - Tel. 9110

End. Telegrafico: Jobandeira.

Alcool extra-fino-potavel e motor

O Alcool extra-fino, examinado pelo Dr. Annibal Ramos de Mattos, chefe da Secção technica do Instituto do Açucar e do Acool, recebeu a seguinte classificação: "O alcool examinado pode ser classificado como o tipo extra-fino por attender as exigencias dos monopolios de alcool europeus".

LEGISLAÇÃO E DOCTRINA SOBRE O AÇUCAR E SEUS SUB-PRODUCTOS

Legislação

DECRETO LEGISLATIVO n. 159 A. de 1937, que isenta do imposto de consumo o alcool empregado como materia prima pela industria.

O Poder Legislativo decreta:

Art. 1.º E' isento do imposto de consumo o alcool derivado da canna de açucar, a 92º G. L. a 15º C. ou de graduação superior, rectificado ou não, utilizado na fabricação de outros productos, pelas industrias que offereçam real interesse economico ao Paiz, condição que será verificada pelo Ministerio do Trabalho, Industria e Commercio.

Art. 2.º Com excepção do alcool-motor, não se comprehende na isenção procedente mente estatuida o alcool empregado como combustivel e o que se destinar ás seguintes fabricações:

- a) bebidas de qualquer especie;
- b) soluções, xaropes, tinturas ou extractos alcoolicos para uso pharmaceutico,
- c) loções, extractos perfumados, cosmeticos, aguas de Colonia ou de belleza e quaesquer outros productos de perfumaria e para toucador;
- d) tintas, graxas e vernizes, excepto lacas.

Art. 3.º Para gozar da isenção de imposto que ora se institue, deverá ser o alcool desnaturado, na fabrica productora, ou no estabelecimento consumidor, de maneira a tornal-o imprestavel para qua'quer uso não comprehendido nas franquias previstas no artigo 1º desta lei.

§ 1.º O desnaturante empregado não poderá ter, em caso algum, o effeito de impossibilitar a obtenção, em condições normaes, do producto visado pelo fabricante.

§ 2.º Cabe ao Ministerio do Trabalho, Industria e Commercio determinar quaes as substancias que devam ser empregadas como desnaturantes.

Art. 4.º O estabelecimento industrial que pretender gozar da isenção de imposto, instituida por esta lei, deverá requerer ao Ministerio da Fazenda a necessaria licença.

Art. 5.º Quando se verificar que um estabelecimento licenciado utiliza o alcool recebido com isenção de imposto para fim diverso da mesma isenção, ser-lhe-á cassada a permissão dada, ficando a firma impossibilitada de obter nova licença, pelo espaço de dez annos, incorrendo na mesma penalidade cada um de seus socios ou directores e firmas outras das quaes façam parte, ou venham a fazer parte, dentro do periodo da pena.

Art. 6.º As infracções dos dispositivos da presente lei serão punidas na conformidade da legislação sobre o imposto de consumo.

Art. 7.º Esta lei entrará em execução na data da sua publicação.

Art. 8.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala da Commissão, 20 de abril de 1937.

— Valente de Lima, Presidente. — Heitor Maia — Mathias Freire.

VETO

Recebendo os autografos do decreto legislativo acima, o sr. Presidente da Republica os devolveu, capeados por uma mensagem, á Camara dos Deputados, com as seguintes

RAZÕES DO VETO — O projecto de lei isenta do imposto de consumo, observadas as excepções estabelecidas no art. 2.º, o alcool derivado da canna de açucar a 92º G. L., a 15º C., ou de graduação superior, rectificado ou não, desde que utilizado na fabricação de outros productos pelas industrias que interessem real e economicamente ao paiz, condições que seriam verificadas pelo Ministerio do Trabalho. Este favor ficaria condicionado ao desnaturamento do alcool, na fórmula prevista pelo art. 3.º, e á obtenção da licença a que allude o art. 4.º.

O art. 7º, letra i do decreto n. 17.464 de 6 de outubro de 1926, isentava do imposto de consumo o alcool desnaturado que se destinasse a fins industriaes; mas a pratica demonstrou que os termos vagos do dispositivo, nunca sufficientemente esclarecidos pelo fisco, davam logar a confusões e abusos, que acarretavam grandes prejuizos ao Erario Publico. Dahi ser cassada a isençao pelo art. 3º, § 3º, nota 1., do decreto numero 22.262, de 28 de dezembro de 1932, mantida unicamente a do alcool-motor.

Força é reconhecer, entretanto, que a isençao do imposto de consumo para o alcool de produçao nacional — e não sómente o alcool de canna de açucar — representa apreciavel incentivo e beneficio para as industrias em que, mediante as cautelas necessarias, se o empreguem como materia prima.

O projecto annexo não esclarece, porém, quaes sejam essas cautelas, nem como se exercerá a fiscalizaçao dos estabelecimentos industriaes e quaes os technicos nacionaes que della se incumbirão. Sem este indispensavel aparelhamento fiscal, reproduzir-se-iam, uma vez sancionado o projecto, as fraudes já verificadas e que não poderiam ser cohibidas com os processos actuaes de controle.

Pelas razões expostas, e usando das attribuiçoes que me confere o art. 56, numero 15, combinado com o art. 45 da Constituição Federal, resolvo negar sancçao ao referido projecto.

Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1937.

Getulio Vargas.

IDORT

Orgão mensal

do

INSTITUTO DE ORGANIZAÇÃO
RACIONAL DO TRABALHO
de São Paulo

Revista especializada sobre todos os
assumptos de ORGANIZAÇÃO

■

Publicada regularmente desde 1932

■

ASSIGNATURAS. 1 anno . . . 30\$000

As assignaturas são recebidas na Secretaria do Instituto,
á rua Senador Feijó, 30 - 6.º andar - Tel. 2-8324,
S. Paulo, ou com:

"ALPHA S. A." - largo da Carioca, 5 - 7.º andar -
Rio de Janeiro:

"A ECLECTICA" - Agencia de Publicidade, á rua de
S. Bento, 67 - São Paulo, e á
avenida Rio Branco, 137 - Rio de
Janeiro

Em lingua ingleza é que se encontram os melhores livros sobre tecnologia açucareira.

Para auxiliar os estudantes e estudiosos de tecnologia, no que se refere á lavoura da canna e á industria do açúcar e de seus sub-productos, acaba de apparecer, editado por BRASIL AÇUCAREIRO.

LEXICO AÇUCAREIRO INGLEZ-PORTUGUEZ

por Theodoro Cabral, autor do "Diccionario Commercial Inglez-Portuguez".

O "Lexico Açucareiro" compreende termos technicos inglezes usualmente empregados na lavoura da canna e na industria do açúcar com os seus equivalentes em portuguez. Volume em formato portatil, illustrado, com 170 paginas.

PREÇO DO EXEMPLAR CARTONADO 12\$000

A' venda no
INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL
Rua General Camara, 19-7.º andar, sala 12
Caixa Postal, 420

— RIO DE JANEIRO —

BANCO DO BRASIL

TAXAS PARA AS CONTAS EM DEPOSITOS

COM JUROS (sem limite) 2 % a. a.

Deposito inicial Rs. 1:000\$000. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores a esta ultima quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias da data da abertura.

POPULARES (limite de Rs. 10:000\$000) 3 1/2 % e. a.

Deposito inicial Rs. 100\$000. Depositos subsequentes minimos Rs. 50\$000. Retiradas minimas Rs. 20\$000. Não rendem juros os saldos: a) inferiores a Rs. 50\$000; b) excedentes ao limite, e c) encerrados antes de decorridos 60 dias da data de abertura. Os cheques desta conta estão isentos de sello desde que o saldo não ultrapasse o limite estabelecido.

LIMITADOS (limite de Rs. 20:000\$000) 3 % a. a.

Deposito inicial Rs. 200\$000. Depositos subsequentes minimos Rs. 100\$000. Retiradas minimas Rs. 50\$000. Demais condições identicas aos Depositos Populares. Cheques sellados

PRAZO FIXO

de 3 a 5 mezes 2 1/2 % a. a. — de 9 a 11 mezes 3 1/2 % a. a.

de 6 a 8 mezes 3 % a. a. — de 12 mezes 4 % a. a.

Deposito minimo: Rs. 1:000\$000

DE AVISO 3 % a. a.

Aviso prévio de 8 dias para retirada até 10:000\$000, de 15 dias até 20:000\$000, de 20 dias até 30:000\$000 e de 30 dias para mais de 30:000\$000. Deposito inicial Rs. 1:000\$000.

LETRAS A PREMIO — (Sello proporcional)

Condições identicas aos Depositos a Prazo fixo.

O BANCO DO BRASIL FAZ TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS:

Descontos, Empréstimos em Conta Corrente Garantida, Cobranças, Transferencias de Fundos, etc.

Na Capital Federal, além da Agencia Central á Rua 1.º de Março, 66, estão em pleno funcionamento as seguintes Agencias Metropolitanas que fazem, tambem, todas

as operações acima enumeradas:

Gloria — Largo do Machado — Edificio Rosa.

Madureira — Rua Carvalho de Souza n.º 299.

Bandeira — Rua do Mattoso n.º 12.

